

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC**  
**CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**MARIANA DE LIRA TENÓRIO DE OLIVEIRA**

**O PAPEL DA INTELIGÊNCIA NA POLÍTICA DE DEFESA DE  
ISRAEL: Um estudo de caso do Mossad**

**RECIFE – PE**

**2018**

**MARIANA DE LIRA TENÓRIO DE OLIVEIRA**

**O PAPEL DA INTELIGÊNCIA NA POLÍTICA DE DEFESA DE  
ISRAEL: Um estudo de caso do Mossad.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã – FADIC, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Henrique Lucena Silva.

**RECIFE – PE**

**2018**

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4/2116

O48p Oliveira, Mariana de Lira Tenório de.  
O papel da inteligência na política de defesa de Israel: um estudo de caso do Mossad / Mariana de Lira Tenório de Oliveira. – Recife, 2018.  
55f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Henrique Lucena Silva.  
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.  
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Realismo político. 3. Israel. 4. Defesa. 5. Segurança. 6. Serviços de inteligência. I. Silva, Antonio Henrique Lucena. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2019-209)

**MARIANA DE LIRA TENÓRIO DE OLIVEIRA**

**O PAPEL DA INTELIGÊNCIA NA POLÍTICA DE DEFESA DE  
ISRAEL: Um estudo de caso do Mossad**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã – FADIC, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Henrique Lucena Silva.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador: Antonio Henrique Lucena Silva  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Examinador: Elton Gomes dos Reis  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Examinador: Rodrigo Santiago da Silva  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

## DEDICATÓRIA

A minha querida mãe, que tanto amo.  
A André, que sempre me apoiou nesta caminhada.  
Aos dedicados homens e mulheres que trabalham nas sombras,  
resistindo ao fracasso e oferecendo a vida no  
cumprimento do dever.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar a Deus, alicerce da minha vida.

Aos meus pais, Luciene Tenório e Clovis Tenório, *in memoriam*, por todo amor e pelo esforço em me oferecer a melhor educação possível. Sei que onde quer que você esteja Pai, você está vendo essa vitória, de muitas que estão por vir.

Agradeço a André, por todo carinho e apoio ao longo desses anos de companheirismo e estudos. Obrigada por cada motivação necessária para esta conquista.

Agradeço aos queridos colegas de sala, principalmente os Penitentes, pela amizade, trabalhos, seminários (muitos) e por todo conhecimento compartilhado em sala de aula.

Agradeço a meu querido orientador, professor Antonio Henrique Lucena Silva, pela amizade e colaboração de seu conhecimento precioso.

Agradeço aos meus professores Antonio Henrique Lucena Silva, Artemis Cardoso Holmes, Aurélio Agostinho da Bôaviagem, Bianor da Silva Teodósio Neto, Deborah Werner, Elton Gomes dos Reis, Jeanete Magalhães Viegas, Lytiene Rodrigues da Cunha, Luís Emmanuel Barbosa da Cunha, Luciana Campelo de Lira, Maurício de Albuquerque Wanderley, Pedro Gustavo Cavalcanti Soares, Pedro Paulo Procópio de O. Santos, Rodolfo Ramirez Soto, Rodrigo Santiago da Silva e Thales Cavalcanti Castro pelas inúmeras contribuições acadêmicas e compreensões de mundo que adquiri ao longo deste curso.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo o estudo da atividade de inteligência israelense na política de defesa do Estado de Israel e entender como o Mossad é empregado para atingir objetivos de política de defesa, como o cerceamento aos vizinhos árabes adquirirem armamento nuclear. Primeiramente dedica-se a compreender as visões teóricas que fundamentam as ações políticas pragmáticas de Israel, voltadas para o exterior, aspectos conceituais de inteligência e a influência da atividade de inteligência nas relações internacionais. Após, são estudados neste trabalho o histórico de conflitos antes e depois da criação do Estado de Israel, a criação do Mossad, sua vital importância para a preservação do Estado de Israel, bem como sua nação judaico-israelense. Conclui-se apresentando casos em que o Mossad atuou com sucesso em defesa do Estado, principalmente quando se tem Estados vizinhos árabes que não aceitam a existência de sua soberania.

Palavras-Chave: Realismo político. Israel. Defesa; Segurança. Serviços de inteligência. Mossad.

## **ABSTRACT**

The following work has the objective of studying the activity of the Israeli intelligence as a defense matter of the state of Israel and understand how the Mossad is employed to achieve defense policy goals, such as curtailing Arab neighbors to acquire nuclear weapons. First, it aims to understand the theoretical visions that supplies the pragmatical Israeli politics, drawn to the foreign relations. Also conceptual aspects of the Israeli intelligence and the influence of the intelligence activity in the international relations. After that, these thesis focuses on the history of the conflicts before and after the creation of the state of Israel, the creation of Mossad and it's critical importance for the preservation of the Israeli state, as well as your Jewish-Israeli nation. The last part of the following work presents a few cases in which the Mossad acted successfully in defense of the Israeli state, since the own existence of the state of Israel is threatened by it's arabs neighbors.

Key-Words: Political realism. Israel. Defense. Security. Intelligence services. Mossad.



## **LISTA DE SIGLAS**

ABIN – Agência Brasileira de Inteligência

AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica

BFV – Bundesamt für Verfassungsschutz

BND – Bundesnachrichtendienst

BSO – Black September Organization

INR – Intelligence and Research's

CIA – Central Intelligence Agency

DGSE – Direction Générale de la Sécurité Extérieure

DIA – Defense Intelligence Agency

DIS – Defence Intelligence Staff

DRM – Direction du Renseignement Militaire

DST – Direction de la Surveillance du Territoire

FAPSI – Federal Agency of Government Communications and Information

FBI – Federal Bureau of Investigation

FSB – Federal Security Service of the Russian Federation

GCHQ – Government Communications Headquarters

GRU – Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye

MAD – Militärischer Abschirmdienst

MI5 – Security Service

MI6 – Secret Intelligence Service

NSA – National Security Agency

OLP – Organização para a Libertação da Palestina

ONU – Organização das Nações Unidas

SVR – Sluzhba Vneshney Razvedki

TNP – Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares

## LISTA DE MAPAS, QUADROS E ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – Comparação entre meios e técnicas de reunião de dados .....	22
QUADRO 2 – As agências de inteligência e suas funções .....	24
MAPA 1 – Primeira divisão da Palestina (1922).....	28
MAPA 2 – Partilha da Palestina proposta pela ONU (1947) .....	30
MAPA 3 – Após a Guerras dos Seis dias.....	33
QUADRO 3 – Operações do Mossad .....	48

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA: REALISMO, REALPOLITIK E INTELIGÊNCIA.....</b>	<b>13</b>
2.1 A influência da escola realista na segurança nacional e internacional .....	13
2.2 O estudo acadêmico sobre a teoria da inteligência .....	17
2.3 As formas de inteligência e obtenção de dados.....	19
2.4 A atuação da inteligência na política externa estatal .....	23
<b>3. INSTITUCIONALIZAÇÃO DE ISRAEL: HISTÓRICO DE DEFESA, GUERRAS E CRIAÇÃO DO MOSSAD .....</b>	<b>27</b>
3.1 As origens e conflitos do Estado de Israel .....	27
3.2 O estabelecimento do Mossad como elemento de defesa israelense .....	35
<b>4. OPERAÇÕES DO MOSSAD: INTELIGÊNCIA E O CERCEAMENTO NUCLEAR AOS PAÍSES ÁRABES .....</b>	<b>39</b>
4.1 O Mossad contra o avanço nuclear no Oriente Médio.....	39
4.1.1 Operação Opera.....	40
4.1.2 Operação Plumbat.....	42
4.1.3 Operação Orchard.....	44
4.1.4 Operação Nêutron.....	46
4.2 Mossad: instrumento de poder israelense.....	47
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Um Estado poderoso deve possuir uma agência de inteligência que o permita permanecer bem informado. Quando se fala sobre inteligência e espionagem, nos trazem na lembrança filmes hollywoodianos sobre a CIA – Central Intelligence Agency – ou famosos filmes do agente 007 do MI6 – Secret Intelligence Service – pertencente ao governo britânico. O que pesquisaremos é a ampliação do conhecimento sobre a agência de inteligência israelense, o Mossad e suas cooperações, ainda pouco exploradas no meio acadêmico.

Sabendo disso, a história humana nos mostra a evolução da atividade de inteligência através de casos verídicos, além de surgir novos meios técnicos e de tecnologias nesse campo de conhecimento. De alguma forma, no decorrer da história mundial, a estratégia, espionagem, política e a guerra estiveram conectadas, pois as atividades de inteligência estão a cada dia sendo mais acionadas para garantir a proteção do Estado, onde cada qual possui suas características a própria imagem da nação e adequada às suas culturas.

Em virtude de um sentimento de guerra instalado em Israel antes e após a sua criação, um exército não seria capaz de prover segurança por si só. É neste contexto que surge a Mossad como um serviço de inteligência que contribui para minimizar a insegurança na região e complementando a estratégia política de segurança.

A Mossad - cujo nome completo em hebraico é designado como Há-Mossad Le-Modiin ule-Tafkidin Meyuhadim, traduzido como Instituto de Inteligência e Tarefas Especiais - a inteligência externa de Israel, se tornou encarregada pelas operações, espionagem internacional e ao combate ao terrorismo externo ao território israelense.

O ponto central da pesquisa é analisar a ação do Mossad no âmbito político e militar da segurança internacional e sua atuação nas principais operações bem sucedidas para inibir a proliferação de armas nucleares por seus inimigos.

Para tal pretensão se delimitará como objetivo geral desenvolver um estudo acerca do Mossad como instrumento de poder israelense nas relações internacionais, a partir da análise de suas operações que visaram a não proliferação de armas nucleares por seus inimigos árabes. Para atingir tal objetivo geral, é preciso salutar o cumprimento de três objetivos específicos que são: elaborar uma revisão bibliográfica de escritos teóricos e acadêmicos acerca da inteligência e política externa; apresentar o histórico de conflitos antes e depois da criação de Israel; analisar operações realizadas pelo Mossad com o propósito de

impedir o armamento nuclear de seus inimigos, garantindo a segurança de Israel contra ameaças externas.

Para esse fim, irá se desenvolver uma pesquisa baseada em bibliografias sobre operações do Mossad e estudos científicos acerca da temática em questão. Diante deste cenário, busca-se resposta para a seguinte pergunta de pesquisa: como Israel utiliza o Mossad para atingir seus objetivos de política externa e defesa?

Desta forma, a presente pesquisa buscará em entender as razões que levaram Israel a adotar políticas de segurança agressivas a fim de garantir sua segurança. Uma possível hipótese para a problemática levantada é seu histórico de conflitos antes e depois da criação do Estado no Israel, no qual os Estados árabes vizinhos ameaçam à sua segurança e soberania.

Para o estudo em questão será realizada através de pesquisa bibliográfica, artigos científicos e análises da construção do sistema de preferências israelenses. A partir deste entendimento, a pesquisa passará a uma pesquisa acerca da teoria realista e sua relação com os métodos aplicados à atividade de inteligência. Quanto à análise histórica, as informações serão buscadas para que possam identificar os anais do Estado de Israel, os motivos para a constituição do Mossad e suas motivações. Já a análise das operações, será estudada através de elementos *ex post facto* centrada em avaliações por *experts* da área.

Como metodologia será utilizado uma análise histórica a partir do chamado *Path Dependent* - dependência de trajetória - a fim de contribuir na compreensão da formação de caminhos políticos ou econômicos em determinado país. Mahoney (2000, p. 510) conceitua brevemente o *path dependent* como “*past events influence future events*”<sup>1</sup> ou seja, acontecimentos anteriores afetam os posteriores. Portanto, o *path dependent* é um referencial metodológico que irá auxiliar no entendimento da formação de preferência do Estado de Israel nas ações do Mossad. Muito utilizado para entender o estabelecimento de processos decisórios de países, regiões ou instituições.

A presente pesquisa pretende encontrar possíveis respostas ao questionamento problematizado. De forma mais específica, espera-se esclarecer as razões pelas quais o Mossad é considerado um instrumento de poder de Israel a partir de seu histórico de conflitos e operações realizadas. Por fim, se apresentará uma análise de operações do Mossad, instrumento de poder israelense, a fim de impedir que seus Estados circundantes se armem nuclearmente garantindo assim sua segurança.

---

<sup>1</sup> Eventos passados influenciam eventos futuros. Tradução livre.

No primeiro capítulo, a pesquisa preconiza a realização de um estudo do realismo político os Estados, dedicando-se a compreender tal visão teórica que explica ações políticas que visam à sobrevivência, enfatizando a *realpolitik*. Neste ponto da pesquisa também serão abordados aspectos conceituais de inteligência, suas formas e a influência da atividade de inteligência na política externa estatal.

No segundo capítulo será apresentado o antissemitismo e sentimento de “Lar Nacional” sionista como fator precípua para a ocupação do território da Palestina, o histórico de guerras e conflitos que Israel enfrentou antes e depois de sua institucionalização para entender sua estratégia de defesa, que foi construída desde então. A partir da importância em manter a segurança do Estado, será abordado a criação do Mossad, a fim de promover a atividade de inteligência do Estado de Israel e contribuir para a proteção e prevenção de possíveis conflitos.

Por fim, no terceiro capítulo são apresentados casos em que o Mossad atuou com sucesso em defesa do Estado. A agência de inteligência israelense desencadeou operações para inibir a proliferação de armas nucleares de seus vizinhos árabes e na proteção do programa nuclear Israelita. É apresentado também o Mossad como instrumento de poder na política de defesa de Israel, acentuando sua importância para proteger o Estado de Israel contra ameaças à sua segurança.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA: REALISMO, *REALPOLITIK* E INTELIGÊNCIA

No realismo político, os Estados visam à sobrevivência como seu principal objetivo. Neste capítulo, busca-se analisar na atividade de inteligência como um recurso do Estado para atingir seus interesses, que no caso Israelense, é a sua segurança. Analisaremos também a teoria a cerca da inteligência, suas formas e atuação na política externa de um Estado.

### 2.1 A influência da escola realista na segurança nacional e internacional

O estudo acerca da temática sobre a atividade de inteligência faz-se necessário baseado na teoria acadêmica das Relações Internacionais. Para este trabalho, foi optado pelos pressupostos existentes na escola realista, a fim de orientar as análises a serem realizadas.

Para os realistas, o Estado é a entidade central do sistema internacional protegendo seus interesses nacionais, cujo objetivo é a sobrevivência e o acúmulo de poder. Os realistas não atribuem consideração ao passado histórico de cada Estado em geral, considerando que os mesmos buscam os princípios da competição e concentração de poder. A ética e outros valores similares seriam características de menos relevância, já que o único fator para estabelecer aliados ou inimigos seria o interesse. Portanto, um país que modificasse seu objetivo de interesse nacional em favor de uma ideologia, seria um país tivesse perdido suas origens, sua realidade política. Os realistas sem dúvida exercem grande importância nos estudos acerca da segurança internacional, teoria essa que ocupa influência na atuação dos tomadores de decisão, principalmente na política externa dos Estados.

Em contraponto, os idealistas, por sua vez, se compõem de escritores liberais que entendem que a cooperação de valores em comum pode superar a disposição ao conflito. Existem também os idealistas que declaram que é necessário e inevitável para o Estado seguir concepções ideológicas, éticas ou morais que vão além dos interesses nacionais.

Edward Carr<sup>2</sup> realizou uma caracterização desta discussão que na teoria das Relações Internacionais ficou conhecido como o “primeiro grande debate”. Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, o instinto pela sobrevivência dos Estados em conflito fez com que os realistas ganhassem mais voz diante da nova área acadêmica das Relações Internacionais que surgira. Sobre o realismo clássico, Paul Williams (2008, p. 17) escreve que

---

<sup>2</sup> Diplomata britânico que publicou em 1939 seu livro intitulado *The Twenty Years' Crisis*, marcando o surgimento do realismo clássico.

“the desire for more power is rooted in the flawed nature of humanity; states are continuously engaged in a struggle to increase their capabilities”.<sup>3</sup>

Apesar de ter ganhado força no século XX, é encontrado em escritos de outros autores como Maquiavel e Hobbes, pressupostos em comum do pensamento realista. Tais proposições são destacas por Nogueira e Messari (2005):

Essas premissas são a centralidade do Estado, que tem por objetivo central sua sobrevivência, a função do poder para garantir essa sobrevivência, seja de maneira independente – no que seria caracterizada a autoajuda - seja por meio de alianças, e a resultante anarquia internacional (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p.23).

A anarquia internacional nada mais é do que a ausência de uma autoridade suprema internacional e legítima para estabelecer regras de convivência entre os múltiplos soberanos existentes nas relações internacionais. Como efeito decorrente dessa anarquia, os Estados desconfiam um dos outros, a fim de garantir a sua segurança. Já o sistema de autoajuda se caracteriza pelo princípio de que o Estado só pode ter apoio de si mesmo para garantir sua segurança e seus interesses, pois apesar de existir a cooperação no cenário internacional, não existe garantia de que algum governo aliado não se torne uma ameaça no futuro.

O domínio dos pressupostos realistas ganhou mais força com a publicação do livro *Politics Among Nations* escrito por Hans Morgenthau em 1948, marcando o crescimento acadêmico das relações internacionais. Para o autor, o poder é definido pelo Estado através do interesse nacional, que seria sua própria sobrevivência, estabelecendo também que a política apresenta a finalidade de manter, aumentar e demonstrar o poder, o que chamamos de *status quo*<sup>4</sup>(MORGENTHAU, 1948).

O Neorealismo, a reinterpretção da escola realista, é marcado pelo trabalho de Kenneth Waltz em *Theory of International Politics* (1979), no qual se propõe a explicar o porquê nos sistemas internacionais estruturado semelhantemente parecem ser caracterizados por resultados similares que, segundo Waltz, é o fenômeno da guerra. Faz-se importante destacar que o autor estabelece características constantes nos sistema internacional estruturado: a primeira é o princípio ordenador das relações internacionais, a anarquia, pois a

---

<sup>3</sup> O desejo por mais poder está enraizado na natureza defeituosa da humanidade, os Estados estão continuamente engajados em uma luta para aumentar suas capacidades. Tradução livre.

<sup>4</sup> Manutenção do equilíbrio de poder que existe no Estado.



falta de uma autoridade soberana pode ser comparada ao estado de natureza hobbesiano<sup>5</sup>; a segunda característica é o princípio da autoajuda, no qual todos os Estados permanecem iguais em sua função, a de sobreviver; a terceira e última característica do sistema internacional envolve uma classificação se ele é bipolar – mais estável, jogo duplo entre os Estados, maior transparência – ou multipolar - incerteza, múltiplos polos.

O Sistema Internacional, para Waltz, é a entidade central para qualquer teoria que explique as ações dos Estados que obtenham resultados no âmbito internacional. Para o autor:

“a system is then defined as a set of interacting units. At one level, a system consists of a structure, and the structure, is the system-level component that makes it possible to think of units as forming a set as distinct from mere collection. At another level, the system consists of interacting units (WALTZ, 1979, p. 40).<sup>6</sup>

Segundo o trecho, os Estados são caracterizados como unidades políticas, já que são soberanos, tendo autonomia para atuar em seus assuntos domésticos e política externa. Contudo, não podemos deixar de salientar a importância do poder no sistema internacional e com a posição hegemônica dos Estados, no qual estes se tornam responsáveis pela consistência dos conflitos.

Portanto, o realismo possui fundamento no interesse nacional determinado pelo poder do Estado, trazendo assimetria no sistema de anarquia internacional. Neste sistema anárquico entende-se que os Estados são soberanos e autônomos para garantir sua força e segurança interna e externa, e para isto, faz-se necessário o investimento nas agências de inteligência, a fim de diminuir as desigualdades de informações no sistema internacional.

É tendencioso dizer que os chefes de Estados são prejudgados negativamente diante das atitudes tomadas no cenário internacional, levando em consideração a necessidade de um comportamento voltado para interesses nacionais, sendo caracterizado como individualista, adotando o recurso da *Realpolitik*. Segundo Almeida:

Realpolitik é mais um método do que uma doutrina, completa e acabada. A rigor, trata-se de um simples cálculo utilitário, baseado nos interesses primários de um país, um Estado, um indivíduo. Ela tende a considerar os dados do problema e não se deixa guiar por motivações idealistas, generosas ou “humanitárias” de tal decisão ou ação, mas apenas e exclusivamente pelo retorno esperado de um determinado

<sup>5</sup> Thomas Hobbes em seu livro “O Leviatã” defende o princípio jusnaturalista, no qual todo ser humano é protegido por uma lei natural que o permite fazer tudo. Por isso, se envolve em conflitos, situação essa denominada por Hobbes como Estado de Natureza.

<sup>6</sup> “Um sistema é definido como um conjunto de unidades de interação. Em um nível, o sistema consiste em uma estrutura, e a estrutura, é o componente em nível de sistema que possibilita pensar em unidades que formam a forma distinta de mera coleta. Em outro nível, o sistema consiste em unidades de interação.” Tradução Livre.

curso de ação, que deve corresponder à maior utilidade ou retornos possíveis para o seu proponente ou condutor da ação (ALMEIDA, 2010, p. 2).

A *realpolitik* nasceu em meio as grandes revoluções do século XIX, e assim como hoje, atua na realidade dos Estados e sua gestão de poder. Na história do pensamento político, Maquiavel (1998) instituiu através de suas inspirações, o início do que viria a ser desenvolvido como Razão de Estado.

Bobbio (1998) em seu capítulo sobre a Razão de Estado destaca seu significado em algumas doutrinas a partir de seu início com Maquiavel, passando por teóricos italianos, franceses e alemães até chegar no século XX com a escola realista. Com tais contribuições, o autor elucida que entre esses pensamentos existe um “fio condutor” definindo a Razão de Estado, no qual considera que a “segurança do Estado é uma exigência de tal importância que os governantes para garantir, são obrigados a violar normas jurídicas, morais, políticas e econômicas que consideram imperativas, quando essa necessidade não corre perigo” (BOBBIO, 1998, p. 1066).

Sendo assim, os governos, bem como seus líderes, devem garantir a segurança do Estado, devendo ser a proteção de sua sociedade, centralizando e utilizando os controles estatais com leis, forças coercitivas, entre outros. Com o propósito de evitar a anarquia, o interesse do Estado deve ser superior aos interesses particulares de seus cidadãos, impondo determinados modos de atuação.

A Razão de Estado está presente na *realpolitik*, na medida em que os governos são guiados a lutar por sua autopreservação a qualquer custo, mantendo seu poder pelos seus próprios interesses, possuindo o uso legal de seu monopólio da força. Se tratando de influência por meio da *realpolitik*, Castro (2012) destaca elementos para sua realização, como possuir um grande território, manifestação de poder e o mais importante para termos deste trabalho, “eficiente capacidade produtiva do complexo comercial/industrial e bélico, de tecnologia com habilidade para desenvolver armamentos militares avançados, objetivando a defesa nacional e a geoestratégia de integridade territorial” (CASTRO, 2012 p. 324).

No mundo contemporâneo, a *realpolitik* estabelece sua importância nos desafios internacionais, se encaixando na política externa de uma nação, realizando influências em sua política diária e através do comércio internacional, nacionalismo, interesses nacionais, entre outros. É nesse contexto que estudaremos os vários conflitos armados existentes na história de Israel e conseqüentemente sua agência de inteligência, para conservação de poder e sua política de defesa.

A atuação das agências de inteligência é determinada pelo Estado ao qual pertencem, no qual as atividades desenvolvidas envolvem, muitas vezes, a violação de regulamentos internacionais e da soberania do país onde se realiza a missão. Nesse sentido, apenas sob uma perspectiva realista tendo como base a defesa do interesse nacional, é possível esclarecer os métodos utilizados pelas agências de inteligência, principalmente no que concernem às ações ilegítimas.

## 2.2 O estudo acadêmico sobre a teoria da inteligência

É particularmente importante teorizar sobre a inteligência para reconhecer sua natureza como atividade política do Estado. A inteligência está profundamente ligada aos governos e seu exercício político, pois todo conhecimento adquirido através de informações recolhidas por suas agências de inteligência, é poder. Portanto, a inteligência destina-se a melhorar a segurança nacional, buscando a ajudar a diminuir incertezas na tomada de decisão.

De acordo com Dover, Dylan e Goodman (2017) *“Intelligence Studies is a very catholic discipline involving historians, strategists, political scientists and others writing on both historical and contemporary case studies, with all contributing to ‘theories’ and ‘methodologies’ of intelligence”* (DOVER; DYLAN; GOODMAN, 2017, p. 3)<sup>7</sup>

A maioria das informações secretas é coletada através de meios não oficiais ou pelas novas tecnologias desenvolvidas, usando fontes e métodos arriscados e caros. Para fins desta pesquisa, adota-se o conceito presente no livro de George (2010, p. 153) no qual define que a inteligência é utilizada para descrever informações fornecidas às autoridades políticas por suas agências especializadas ou outros órgãos governamentais de segurança, no intuito de diferenciá-las de outras informações mais amplas disponíveis dentro e fora do Estado.

A inteligência surgiu como uma disciplina acadêmica antes e durante a Primeira Guerra Mundial, se aprimorando em teorias e técnicas. Segundo Jonhson (2006) a inteligência se desenvolveu a partir de três disciplinas: diplomacia, reconhecimento e segurança interna, particularmente em como os Estados se defendem e empregam políticas de poder nacional.

Quando estudamos a teoria das atividades relacionadas à inteligência, nos deparamos com termos como a contrainteligência e a contraespionagem. Segundo Devin (2007), a contraespionagem é a proteção dos segredos do Estado contra a infiltração dos

---

<sup>7</sup>“Estudos de Inteligência é uma disciplina muito católica que envolve historiadores, estrategistas, cientistas políticos e outros autores de estudos de caso históricos e contemporâneos, com todos contribuindo para "teorias" e "metodologias" da inteligência.” Tradução livre.

serviços de inteligência de seus inimigos. Portanto, parte da missão de inteligência é proteger essa informação – contrainteligência - bem como introduzir-se nos serviços de inteligência dos inimigos.

Sob a visão teórica norte-americana, a conceituação da atividade de inteligência – na esfera estatal – se refere à ideia de se produzir conhecimento objetivando colaborar com o processo de tomada de decisão. Tal colocação está expressa em parágrafo de abertura do guia do usuário de inteligência, publicado pela Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos, trazendo uma definição ampla e genérica do viria a ser a inteligência:

Reduced to its simplest terms, intelligence is knowledge and foreknowledge of the world around us the prelude to decision and action by US policymakers. Intelligence organizations provide this information in a fashion that helps consumers, either civilian leaders or military commanders, to consider alternative options and outcomes. The intelligence process involves the painstaking and generally tedious collection of facts, their analysis, quick and clear evaluations, production of intelligence assessments, and their timely dissemination to consumers (Central Intelligence Agency, 1993, p.1).<sup>8</sup>

Para elucidar ainda mais o conceito de inteligência, podemos considerar ainda os elaborados pelo *National Security Act, 1947*<sup>9</sup>, que estabelece o termo 'inteligência estrangeira', no qual as informações relacionadas às capacidades, intenções ou atividades de governos estrangeiros ou seus elementos, organizações estrangeiras ou pessoas estrangeiras.

Em termos nacionais, a Agência Brasileira de Inteligência – ABIN- destaca a atividade de inteligência como “o exercício de ações especializadas para obtenção e análise de dados, produção de conhecimentos e proteção de conhecimentos para o país”.<sup>10</sup>

A inteligência sempre foi um elemento importante das boas e reconhecidas estratégias destinadas a apoiar e definir as políticas governamentais. Segundo George (2010), a estratégia depende da compreensão da natureza da guerra, principais aspectos do sistema internacional e das intenções e capacidades do adversário, ou seja, a estratégia deve ser baseada em uma boa inteligência. Para alcançar seus objetivos, a inteligência se estrutura

---

<sup>8</sup> Reduzida aos seus termos mais simples, a inteligência é conhecimento e presciência do mundo ao nosso redor, o prelúdio para a decisão e a ação dos formuladores de políticas dos EUA. As organizações de inteligência fornecem essas informações de uma forma que ajuda os consumidores, líderes civis ou comandantes militares, a considerar opções e resultados alternativos. O processo de inteligência envolve a coleta minuciosa e geralmente tediosa de fatos, suas análises, avaliações rápidas e claras, produção de avaliações de inteligência e sua disseminação oportuna para os consumidores. Tradução livre.

<sup>9</sup> Lei de segurança nacional que reestruturou as agências militares e de inteligência do governo norte americano após o termino da Segunda Guerra Mundial.

<sup>10</sup> Disponível em < <http://www.abin.gov.br/atividadeinteligencia/inteligenciaecontrainteligencia>> Acesso em 02 set. 2018.

através de suas técnicas e métodos a fim de obter dados e produzir o conhecimento necessário para os tomadores de decisão. Na próxima seção abordaremos as diversas formas de inteligência e as diferentes possibilidades de obtenção de dados.

### 2.3 As formas de Inteligência e obtenção de dados

As informações coletadas pela inteligência também são adaptadas para descobrir e responder às políticas, intenções e capacidades de governos estrangeiros e aos planos e atividades de atores nãoestatais. Existe uma necessidade dentro dos governos que informações sejam transformadas em conhecimento, que se faz através de análises e elaboração de relatórios de inteligência, para que sejam utilizadas nas tomadas de decisões.

A coleta de dados brutos leva grande parte dos meios para se alcançar a inteligência. As superpotências mundiais se empenham para obter programas e agências de sucesso, como a produção de inteligência geoespacial, que explora e analisa imagens geradas por satélites, consideradas importantes para o procedimento de operações militares. De acordo com Devin:

Os satélites espões, capazes de identificar detalhes de algumas dezenas de centímetros no solo, tornaram-se ferramentas essenciais para obter informações. Por vezes exercendo um papel estabilizador ao monitorar as capacidades recíprocas nos diferentes campos (um “reconhecimento” importante para evitar confrontos nucleares fora de controle ou verificar a realidade de acordos de desarmamento), os satélites espões fazem parte da prioridade de programas militares de todos os países desenvolvidos (DEVIN, 2007, p. 103).

Existe também a coleta de informações através do trabalho clássico de recrutar pessoas, chamadas também de “fontes humanas”, que podem penetrar no funcionamento interno de inimigos estrangeiros e grupos terroristas. Em questão de confiabilidade das informações, as fontes humanas mais importantes são os próprios oficiais ou analistas de inteligência treinados pelas agências. Já os “agentes”, segundo Gonçalves (2008), corresponde a toda fonte humana que não pertencente à agência de inteligência, no qual destaca também que é comum considerar o oficial/analista de inteligência também de “agente”, o que pode gerar confusão terminológica.

Nesses casos, agentes podem ser infiltrados em várias partes do mundo para identificar importantes alvos para a inteligência, a fim de, por exemplo, descobrir planos e intenções de inimigos e de seus respectivos governos, que não podem ser facilmente adquiridos por satélites, mensagens ou ligações interceptadas.

Segundo George (2010), analistas de inteligência precisam entender os milhares de relatórios vindos do exterior, interceptações telefônicas e imagens, todas reunidas pelos agentes que coletam as informações. Eles têm a responsabilidade de fornecer aos líderes estatais, o conhecimento necessário para executar as estratégias de segurança nacional. O objetivo desses relatórios é tanto informar como capacitar os tomadores de decisão a produzir e executar políticas que promovam estratégias, identificando ameaças e avaliando as ações e intenções dos inimigos estrangeiros.

Devin (2007) também destaca que um dos principais problemas para as agências de inteligência é a interpretação das informações. As fontes devem ser confiáveis, sejam elas humanas ou tecnológicas, pois erros decorridos da desinformação ou a falta de veracidade nas mesmas podem custar vidas inocentes. A inteligência é uma atividade que pode envolver a perda de fontes ou meios de influência, sem deixar de mencionar a vida de soldados e até mesmo de seus representantes e líderes. Por isso, a deslealdade também tem sido uma preocupação em que as nações impõem penalidades severas para os que a praticam, pois existem informações confidenciais, como também vantagens e desvantagens do Estado.

A tarefa dos analistas de inteligência, portanto, é distinguir com cautela entre o que eles sabem e não sabem e, em seguida, apresentar o que eles acreditam que pode acontecer em um futuro próximo ou distante. Cabe aos chefes ou líderes estatais decidirem como elaborar estratégias e políticas, colocando em prática de como serão feitas as atividades de inteligência.

Os chefes de Estados ou diplomatas podem também ser considerados agentes de inteligência, pois com suas credenciais do governo, viagens estrangeiras e habilidades em saber falar idiomas distintos, podem ajudar tanto na coleta, quanto na análise de informações, a fim de fornecer novas informações para suas agências de inteligência nacional.

Outra fonte tradicional de se obter dados são os arquivos do governo. As agências de inteligência em seus vários níveis de hierarquia, bem como seus funcionários criam e preservam arquivos de suas atividades. Segundo Jonhson (2006) quando há pouco ou nenhum arquivo, podemos inferir que os eventos que possam estar acontecendo são rápidos demais para que tudo seja documentado pelos agentes no local, nesse caso a documentação normalmente virá na forma de resumos e relatórios pós-ação. Ou ainda, quando o chefe da agência especificamente ordenou a manter os relatórios os mais curtos possíveis, evoluindo até para sua destruição.

Internacionalmente, os serviços de inteligência foram amplamente aceitos como tendo um papel central na formulação da política de estado. As agências de inteligência são

consideradas principalmente como contribuintes para a provisão de segurança nacional e global e suas práticas de sucessos, bem como seus limites, são atualmente discutidos intensamente em fóruns e organizações internacionais. Uma das razões para o aumento desse interesse acadêmico pela inteligência está no fato de que no início do século XXI, com 11 de setembro de 2001<sup>11</sup>, passou a existir maior empenho das agências de inteligência contra ações terrorista, envolvendo, por exemplo, o monitoramento de sites frequentemente usados para recrutamento e comunicações entre os radicais.

De acordo com Cepik (2001), as atividades de coleta absorvem entre 80% e 0% dos inventos estatais no setor de inteligência entre os países centrais do sistema internacional. Os meios de coletas são divididos em disciplinas da inteligência: HUMINT (Inteligência de fontes humana), SIGINT (Inteligência de sinais), IMINT (Inteligência de imagens), MASINT (Inteligência de medição e de assinatura) e COMINT (Inteligência de comunicação). Mark Lowental (2003) organizou em seu trabalho as vantagens e desvantagens dos principais meios de se obter informações e produzir conhecimento pela inteligência:

---

<sup>11</sup> No dia 11 de Setembro de 2001, o grupo terrorista Al Qaeda vitimou milhares de pessoas, quando aviões controlados por terroristas atingiram as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York.

**Quadro 1:** Comparação entre meios e técnicas de reunião de informações

<b>Meio de Reunião de informações</b>	<b>Vantagens</b>	<b>Desvantagens</b>
Inteligência de Imagens	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Gráfico e objetivamente altamente confiável;</li> <li>•Recurso atraente e de fácil compreensão para os tomadores de decisão;</li> <li>•Avaliação clara de certis alvos de exercicios militares;</li> <li>•Pode ser feita à distância;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Às vezes demasiadamente gráfico e altamente confiável;</li> <li>•Necessira de interpretação;</li> <li>•Muito estático, literalmente um registro "instantâneo" de um momento no tempo;</li> <li>•Sujeito a problemas meteorológicos e a engodos como camuflagem;</li> <li>•Alto custo;</li> </ul>
Inteligência de Sinais	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Permite a dedução/inferência em termos de planos e intenções;</li> <li>•Grande volume de material;</li> <li>• Alvos militares tendem a se comunicar com regularidade;</li> <li>•Pode ser feito à distância.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Os sinais podem ser criptografaos ou codificados;</li> <li>•Grande volume de material;</li> <li>•As comunicações podem estar silenciosas ou mesmo serem escondidas em meio em vasto tráfego de informações;</li> <li>•Alto custo.</li> </ul>
Inteligência Humana	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Permite inferência/acesso em termos de plano e intenções;</li> <li>•Relativamente barata;</li> <li>•Alcança alvos inacessíveis a meios técnicos, inclusive considerações pessoais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Riscos em termos de vidas humanas e problemas políticos;</li> <li>•Necessita de mais tempo para acesso e validação das fontes;</li> <li>•Problemas com "iscas", percepções erradas, agentes duplos, falsos desetores.</li> </ul>
Inteligência de medição e de assinatura	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Muito útil para temas como proliferação de armas de destruição em massa;</li> <li>•Pode ser feito à distância.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Alto custo;</li> <li>•De difícil compreensão para a maioria dos usuários;</li> <li>•Requer um grande esforço de processamento e avaliação.</li> </ul>
Inteligência de comunicação	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Facilmente disponível;</li> <li>•De grande utilidade para se começar qualquer reunião de dados para produção de conhecimento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Muito volumosa;</li> <li>•Mais difícil de possibilitar inferências que as fontes não abertas.</li> </ul>

Fonte: Adaptação Lowenthal, 2003, p. 82.



Diante deste cenário, a inteligência é um componente vital para o desenvolvimento, a fim de produzir efetivas estratégias de segurança nacional. Sua adaptação às transformações globais deve ser constante para acompanhar as trocas de interesses dos Estados quando se trata de segurança nacional e as estratégias. O mundo é complexo e a particularidade das decisões dos adversários estrangeiros e também dos aliados, podem ser imprevisíveis e por isso a defesa e a política externa são de extrema importância para resguardar a segurança tanto nacional quanto internacional.

#### 2.4 A atuação da inteligência na política externa estatal

É certamente verdade que nos conflitos ocorridos ao longo das últimas décadas, se têm percebido relações de incertezas no cenário internacional, levando a uma maior preocupação acerca da segurança internacional entre os Estados. A sociedade internacional contemporânea é demasiadamente interdependente, porém todas as nações compartilham de um mesmo objetivo, que é a manutenção de sua segurança a fim de não submeter o interesse nacional à vontade de outros Estados.

O papel da diplomacia na política externa de um país se qualifica, por exemplo, pelas transações ocorridas entre os atores no cenário internacional, no qual o poder de negociação é confiado ao diplomata pelo poder público do Estado. Tais profissionais exercem suas funções seguindo os princípios da representação de seu Estado, porém também podem contribuir com as agências de inteligência, bem como o governo, coletando informações que auxiliem na conduta da política externa.

Devin (2007) em seu livro destaca um capítulo sobre a diplomacia para as chamadas “Práticas Subversivas”. O autor explica que na atuação diplomática, oficialmente não se exerce imposições, porém, na política externa existem as chamadas práticas “constituídas de ofensas leves, turbações, mas também de recursos explícitos à violência” (DEVIN, 2007, p. 104).

Para os realistas, líderes políticos, diplomatas, empresários internacionais, entre outros indivíduos, atuam nas relações internacionais em prol dos Estados que representam. A falta de uma autoridade suprema internacional – anarquia internacional – faz com que se tenha como função principal a defesa de seus interesses.

Nesse contexto, os serviços de inteligência exercem sua importância recolhendo informações pertinentes à tomada de decisões e/ou negociações das mais variadas temáticas

que sejam relevantes para o posicionamento da política externa estatal. Como veremos no próximo capítulo, o serviço secreto israelense se utiliza de tais práticas subversivas para definir sua segurança interna e externa.

A temática a cerca da atividade de inteligência introduz interesse quanto às agências de espionagem e suas controvérsias. Na prática, operações mal sucedidas podem prejudicar relações diplomáticas, acordos, vidas humanas e novas tecnologias que foram desenvolvidas para tais atividades.

A inteligência é uma necessidade que os governos precisam investir. Poucos Estados consideram que podem renunciar a atuação de uma agência de inteligência nacional. De acordo com Johnson (2006) existem padrões para organizar segurança e inteligência nos quais Estados como Holanda, Espanha e Turquia possuem uma única agência de segurança e inteligência atuando tanto interna quanto externamente. Outros possuem agências para tratarem de inteligência e segurança interna e externa de forma distinta, como no Reino Unido, Hungria e Alemanha.

**Quadro 2:** Agências de inteligência e suas funções

País	Serviço	Inteligência Militar	Inteligência Estratégica	Escuta Eletrônica	Contrainteligência Interna	Contrainteligência Externa
Alemanha	BND	X	X	X		X
	MAD			X	X	
	BFV				X	
Estados Unidos	CIA	X	X	X		
	NSA			X		
	DIA	X				
	INR		X			
	FBI				X	X
França	DGSE		X	X		X
	DRM	X		X		
	DST				X	
Israel	Mossad		x			x
	Amã	x		x		
	Shin Bet				x	
Reino Unido	SIS (MI6)				X	X
	DIS	X				
	GCHQ			X		
	MI5			X		
Rússia	SVR		X			X
	GRU	X		X		
	FAPSI			X		
	FSB				X	

Fonte: Adaptação Devin, 2007, p. 109.

Outra característica importante da atuação dos serviços de inteligência ou de segurança na política externa se dá por terem uma atuação mais pró-ativa ou se restringir à coleta e análise de informações. No entanto, seja qual for a estrutura organizacional dentro da configuração governamental, a segurança e a inteligência representam um conjunto comum de desafios e de responsabilidade em todo o mundo.

Segundo Dover, Dylan e Goodman (2017) a política mundial se tornou mais complexa após final da Guerra Fria, no qual os alvos geograficamente estáveis centralizados no Estado mudou para alvos de atores transnacionais, como a Al Qaeda e o Estado Islâmico. Porém, isso não quer dizer que os Estados não continuam a ser um grande motivo de preocupação, principalmente na defesa de seus interesses.

No mundo contemporâneo, o Estado deve procurar através da política externa, manter ou aumentar sua influência no cenário internacional através da cooperação, transações comerciais, segurança, entre outros. As políticas públicas hoje se encarregam de assumir importância e relevância perante aliados e opositores, devido às recorrentes transformações do cenário global.

A atividade de inteligência, neste contexto de novas ameaças, tem destacado sua importância para a comunidade internacional. Os Estados, juntamente com seus processos decisórios, estão cada vez mais dependentes de seus serviços secretos, e para isso tem se procurado agir bi ou multilateralmente a fim de determinar regulamentos comuns às ameaças do mundo globalizado. Segundo Vidigal:

A atuação da inteligência é quase ilimitada, tanto no campo interno como no externo, sendo necessária delimitá-la em função de diversas variáveis: as ameaças percebidas, o nível de coesão social existente, o grau de presença internacional pretendido, os recursos disponíveis para a área e muitas outras. (VIDIGAL, 2004, p. 9).

É inquestionável que o mundo está cada vez mais globalizado. As formas mais eficientes de, por exemplo, pagamentos através de Bitcoin<sup>12</sup>, comunicações de informações não rastreáveis, criaram um ambiente mais benéfico às atividades transnacionais, sendo elas lícitas ou ilícitas.

Portanto, é essencial para os Estados a propriedade de se obter informações necessárias no qual lhe permitam, através de suas agências de inteligência, o combate ao

---

<sup>12</sup> Moeda virtual que pode ser utilizada como meio de pagamento, transferência de uma pessoa para outra pela internet em qualquer país do mundo, sem qualquer regulamento bancário.

crime e ao terrorismo, bem como em sua política externa, reconhecendo ameaças que sejam capazes de ferir seus interesses nacionais.

Para os nossos propósitos - a evolução da organização de inteligência israelense para sua política de defesa - o capítulo seguinte ilustrará a institucionalização do Estado de Israel, criação do Mossad e a importância de suas operações que contribuem para a segurança do país.

### **3 INSTITUCIONALIZAÇÃO DE ISRAEL: HISTÓRICO DE DEFESA, GUERRAS E CRIAÇÃO DO MOSSAD**

Neste capítulo, analisaremos a trajetória de conflitos envolvendo os sionistas – movimento político no qual defende a autodeterminação dos judeus e a criação de um Estado judaico soberano e independente – antes e após institucionalização do Estado de Israel. Tal histórico de defesa em manter a segurança de seu território, bem como de sua soberania, estabelece uma explicação do por que os israelenses adotam tal comportamento realista. Ainda neste capítulo, estudaremos a criação do Mossad, e sua importância para a salvaguarda do Estado de Israel e da nação.

#### **3.1 As origens e conflitos do Estado de Israel**

A criação do Estado de Israel, assim como de suas políticas de defesas, foi marcada por décadas de luta do movimento sionista e antissemitismo. No final do século XIX, ocorre um dos exemplos de maiores repercussões antissemita europeu, o chamado Caso Dreyfus, caracterizado pelo escândalo político na França em 1894, quando o capitão do exército Alfred Dreyfus foi acusado de traição após uma funcionária da embaixada Alemã encontrar uma carta cujo conteúdo era prometido informações militares do exército francês. Dreyfus foi um alvo fácil para seus acusadores, principalmente por ser o único oficial judeu em todo o exército de católicos franceses. Após sua condenação, investigações paralelas chegaram ao verdadeiro culpado, o oficial francês Ferdinand Esterhazy, em que mesmo assim, mantiveram a condenação de Dreyfus. O caso dividiu a sociedade francesa, desencadeando manifestações a favor e contra ao judeu, mas somente em 1899 reabriram o caso, declarando sua anistia (LUCENA SILVA, 2016)<sup>13</sup>.

Com todos os desdobramentos do caso, em 1896, o jornalista austríaco de origem judaica Theodor Herzl, constituiu o Movimento Sionista que propagava a criação de um Estado judeu. No ano seguinte, os sionistas se reuniram na Basileia, decidindo entre si um local ideal e historicamente relevante: a Palestina. Porém aquele território já se encontrava ocupado pelo povo palestino fazendo com que os sionistas, no começo do século XIX,

---

<sup>13</sup> Disponível em <https://voxmagister.com.br/2016/05/23/crime-e-preconceito-as-licoes-do-caso-dreyfus-122-anos-depois>. Acesso em: 12 out 2018.

começassem uma campanha mundial para convencer os judeus dispersos pelo mundo a emigrarem para a palestina.

No final da Primeira Guerra Mundial, os britânicos conquistaram a Palestina dos Turcos, legalizando a ideia do “lar nacional judaico” juntamente com a Declaração Balfour<sup>14</sup>. Com tal documento o verdadeiro conflito entre Judeus e Palestinos começou, partindo da premissa de que os britânicos violaram os termos de mandato da Palestina<sup>15</sup>, fazendo com que os desejos dos habitantes de maioria árabe não fossem atendidos.

**Mapa 1:** Primeira divisão da palestina (1922)



Fonte: Revista Veja (2018)

As políticas britânicas apoiadas pelos sionistas no território Palestino acarretaram em conflitos violentos da população. Em 1936, os Palestinos deram início a uma revolta que duraram até o início da Segunda Guerra Mundial, a fim de fazer-se cumprir as exigências quanto a sua independência, desencadeando também tumultos nacionalistas no Egito e na Síria. Os britânicos colocaram em pauta se o apoio sionista deveria ter continuidade, e por isso, segundo Gomes (2001, p. 27) “uma Comissão Real, encarregada de analisar os distúrbios, recomendou a partilha da Palestina como solução para a crise [...] A recomendação da partilha foi aceita pelo governo britânico no Livro Branco, publicado em 1937.” Ainda segundo o Livro Branco, ingleses restringiram em 1939 a imigração de judeus a 50 mil por

<sup>14</sup> A Declaração de Balfour é um documento no qual o governo da Grã-Bretanha - confirma pela primeira vez "o estabelecimento de um lar nacional para o povo judeu na Palestina".

<sup>15</sup> Durante a Primeira Guerra Mundial, a Turquia lutou ao lado da Alemanha e, derrotada, viu-se privada de todas as suas possessões no mundo árabe. A Palestina passou então a ser administrada pela Grã-Bretanha, mediante mandato concedido pela Liga das Nações.

cinco anos (GRINBERG, 2000, p. 107), exatamente no ano em que a Segunda Guerra Mundial se iniciou, matando milhares de judeus.

Juntamente com a perseguição dos judeus pelos nazistas, impulsionando a imigração para o território Palestino. Porém, o holocausto foi apenas um capítulo mais recente e mais brutal de uma longa história. Judeus em todo o mundo ficaram chocados com a falta de resposta do mundo ao genocídio nazista, incluindo o fechamento geral de portas nos países ao redor do mundo a possíveis refugiados.

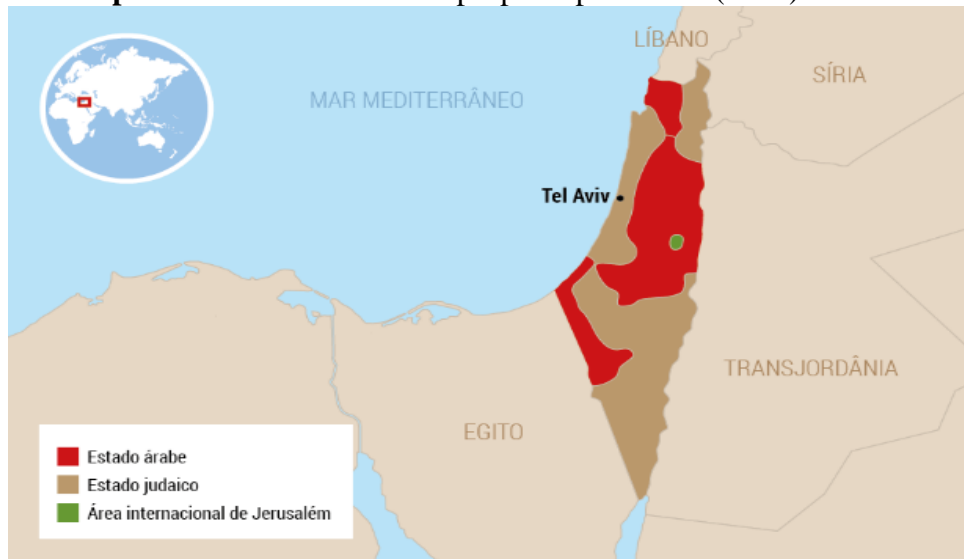
Em decorrência da Segunda Guerra Mundial, foi instituída a Liga dos Estados Árabes em 1945, com o intuito de impulsionar a cooperação das nações árabes em defesa de seus interesses nacionais contra ameaças externas, sendo influenciada precipuamente pela assistência britânica aos sionistas. A liga deu início sendo representada pelos Estados da Arábia Saudita, Egito, Iêmen do Norte, Iraque, Líbano e Transjordânia (atual Jordânia) no qual assinaram o Protocolo de Alexandria. A Liga Árabe também ganhou apoio dos britânicos e dos americanos na medida em que tentavam erigir as relações com os árabes, mantendo a influência na região, além de evitar também que a União Soviética estabelecesse bases militares.

Em 1947, a Organização das Nações Unidas<sup>16</sup> (ONU) aprovou a partilha da palestina em dois Estados – um árabe e outro judeu, reconhecendo o Estado de Israel oficialmente. Mas porque a ONU se tronou pró-sionista após tantos conflitos que infligiram vários atos de sua carta constitutiva? A resposta está no fato de que a Organização tentava compensar os judeus pelos milhares de mortos no holocausto durante a segunda Guerra Mundial.

---

<sup>16</sup> A Organização das Nações Unidas, também conhecida pela sigla ONU, é uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundial.

**Mapa 2:** Partilha da Palestina proposta pela ONU (1947)



Fonte: Extraído de Revista Veja (2018).

Após o posicionamento da ONU, foi estabelecido o “Plano Dalet” que segundo Khalidi (1988, p. 08) foi o nome dado pelos oficiais sionistas ao plano para as operações militares, no qual lançaram sucessivos ataques em abril e no início de maio de 1948, em muitas partes da Palestina. O Plano Dalet também tinha o objetivo de garantir a proteção das fronteiras dos territórios dominados pelos sionistas, e para isto, o plano incluía a destruição de aldeias e cidades palestinas.

Em 14 de maio de 1948, no mesmo dia em que terminava o mandato britânico sobre a Palestina, o parlamento estabelecido pelos israelenses provisoriamente, assinou a declaração de independência do Estado de Israel. Segundo Eilam (2018), os árabes se opuseram ao novo *status quo* geoestratégico que foi criado naquele ano e mais pelo fato do estabelecimento de um Estado judeu que tinha árabes subordinados a ele em terra que os árabes consideravam solo muçulmano. Deu-se início a guerra de 1948, um dia após a declaração de independência no qual os exércitos da Arábia Saudita, Egito, Iraque, Jordânia, Líbano e Síria atacaram Estado de Israel por não concordarem com Plano de Partilha da ONU.

Israel faz fronteira com quatro estados - Síria, Egito, Jordânia e Líbano - e devido ao seu poder militar e de inteligência, nenhum dos vizinhos árabes de Israel foi capaz de derrotá-lo. Sobre a Guerra de 1948, Gomes (2001) destaca:



Entre os governos árabes não havia organização suficiente para enfrentar essa guerra. Muitos haviam conseguido a independência recentemente e se encontravam desestruturados e sem recursos. Houve também graves problemas de comunicação e comando, além da falta de recursos e armas, fatores que resultaram em vantagens importantes para os israelenses. Os sionistas se preparavam para essa guerra há algum tempo, financiados pesadamente pelos americanos (GOMES, 2001, p. 100).

O conflito pelo território nos leva a outro ponto importante a ser abordado: o da localização estratégica de Israel. O Egito poderia ter alcançado uma maior aproximação dos outros países árabes da região se possuísse um corredor que fornecesse este acesso, ou ainda a Síria, detentora de recursos naturais como o petróleo, que poderia ter explorado o Mar da Galiléia se o tivesse acesso. O exército israelense conseguiu bloquear os avanços dos exércitos árabes e com isso houve uma trégua firmada em 1949 entre os envolvidos na guerra, suspendendo o conflito e estabelecendo divisões provisórias de separação territorial. A guerra resultou em 726.000 palestinos refugiados até 1949<sup>17</sup> e também de judeus expulsos dos países árabes.

Portanto, podemos considerar que a conduta realista praticada por Israel, se dá pelo fato de que “o povo israelita cedo soube que a sua existência dependeria apenas da sua capacidade de resistir militarmente” (LEITE, 2007, p. 13) e de seu surgimento com o sionismo, movimento pelo renascimento dos judeus, unindo-os em um território nacional.

Após a derrota na Guerra de 1948, o descontentamento dos líderes árabes tomam grandes proporções. Ascende politicamente o oficial egípcio Gamal Abdel Nasser, que toma o poder após o assassinato do então primeiro ministro. Nasser foi apoiado por nacionalistas que sustentavam a ideia do desenvolvimento econômico e a volta da dignidade árabe. Em 1956, a fim de amenizar a influência do novo líder egípcio, as potências cancelaram o empréstimo do Egito para a construção da barragem de Assuã junto ao Banco Mundial,<sup>18</sup> fazendo com que Nasser revidasse nacionalizando o canal de Suez<sup>19</sup>. Com a ação egípcia, Israel ficou sem a capacidade de irrigação do deserto de Negev, perdendo o contato com o Mar Vermelho. Sobre o conflito:

*It was at this juncture that Egypt, left stranded by the United States and Britain when the two nations backed out of a deal to finance the erection of the Aswan Dam, nationalized the Suez Canal as a means of paying for the impending project. Egypt's*

---

<sup>17</sup> GOMES, 2001, p. 100

<sup>18</sup> GRINBERG, 2000, p. 111

<sup>19</sup> Canal pelo Mar Vermelho no qual permite ligar Europa à Ásia sem precisar contornar a África.

*bold deed, in turn, prompted Israel, France, and Britain to engage in battle with the Arab state over the vital waterway (VARGO, 2014, p. 265)<sup>20</sup>*

Com o apoio dos franceses e britânicos, Israel atacou o Egito na Faixa de Gaza,<sup>21</sup> fazendo com que os egípcios fechassem o canal de Suez para a passagem de navios israelenses. Com isso, Israel invadiu o deserto do Sinai, e com o apoio do exército britânico e francês tomaram o controle do canal.

Com as sucessivas investidas árabes contra o Estado de Israel, os conflitos ocorridos no Oriente Médio estavam repercutindo negativamente junto ao seu aliado, os Estados Unidos, no qual enfrentava a Guerra Fria e possuía receio de que tais conflitos se transformassem em um confronto internacional. Porém em 1957, os franceses concordaram em ajudar os israelenses a criar um programa nuclear que, de acordo com Vargo:

*The arrangement including the construction of a G1 (graphite) nuclear reactor together with a plant for the extraction of plutonium. The twenty-four-megawatt reactor and separation facility would be a state secret, of course, as would Israel's illicit purchase of "heavy water" from Norway and France in the years that followed (VARGO, 2014, p.265)<sup>22</sup>*

Contudo, a insegurança por parte de Israel não cessou somente pelo fato da nova instituição de um reator nuclear, pois os recursos petrolíferos do Oriente Médio, a partir da década de 1960, passaram a ter destaque na economia mundial e também para atingir uma maior influência no cenário árabe. O líderes dos países árabes se empenharam a tornar mais evidente à sua causa, criando a Organização pela Libertação da Palestina (OLP), ficando sob controle do Egito, no qual ao mesmo tempo começaram a surgir movimentos palestinos que apoiavam o confronto com Israel.

Em 5 de Junho de 1967, Israel atacou e destruiu a força aérea egípcia que também estava envolvida com a causa árabe, se ocupando da Cisjordânia, península do Sinai, Colinas de Golan e Jerusalém (GRINBERG, 2008). Essas perdas de territórios significaram para as nações árabes, um sentimento de vergonha perante seus nacionalistas. Já para Israel, as conquistas territoriais, principalmente de Jerusalém, demonstrou que o país possuía mais força

---

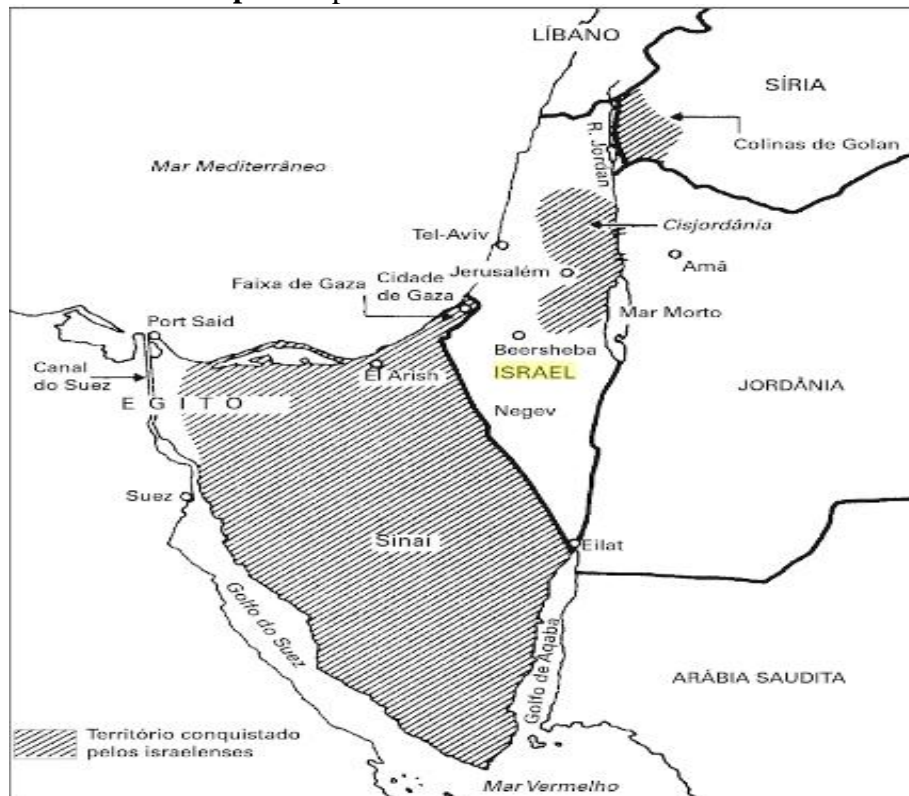
<sup>20</sup> Foi nesse momento que o Egito, deixado pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha quando as duas nações desistiram de um acordo para financiar a construção da represa de Assuã, nacionalizou o Canal de Suez como um meio de pagar o projeto iminente. O ato corajoso do Egito, por sua vez, levou Israel, a França e a Grã-Bretanha a se engajar na batalha com o Estado árabe por causa da hidrovía vital. Tradução Livre.

<sup>21</sup> Território palestino localizado sem um pedaço de terra na costa oeste de Israel, junto com a fronteira com o Egito.

<sup>22</sup> "O acordo incluindo a construção de um reator nuclear G1 (grafite) juntamente com uma planta para extração de plutônio. O reator de vinte e quatro megawatts e separação seria um segredo de Estado, é claro, assim como o ilícito de Israel compra de "água pesada" da Noruega e da França nos anos seguintes." Tradução Livre.

militar do que qualquer outro país da região, aumentando o interesse dos Estados Unidos em se manter aliado, garantindo principalmente com o fornecimento de armas.

**Mapa 3:** Após a Guerras dos Seis dias



Fonte: LOWE, 2016, p. 259.

Já no começo da década de 1970, se desencadeou uma série de eventos que atenuaram a instabilidade da região, começando pela morte do líder egípcio Nasser, substituído por Anuar Sadat, fazendo com que a liderança do mundo árabe fosse abandonada e, neste ínterim, aviões israelenses foram sequestrados e ocorria também em 1972 o massacre aos atletas nas Olimpíadas de Munique. Sobre tais eventos, Vargo destaca:

*On May 8, 1972, for instance, a four-person BSO cell commandeered a Sabena Belgian Airlines jet en route from Vienna to Tel Aviv. According to the British Broadcasting Corporation, two men and two women hijacked the aircraft, forcing its one hundred passengers and crew to remain onboard at Tel Aviv's Lod (Ben-Gurion) Airport until Israel released a hundred Arab inmates being held its prisons. The BSO vowed to execute the hostages if its demands were not met. But while officials on the ground pretended to negotiate with the terrorists, an Israeli military squad charged the plane, killing the pair of male hijackers, capturing the two females, and freeing the hostages. Undeterred, the organization continued its*

*attacks, most notably the Munich Massacre in September of 1972, its most nefarious operation.*<sup>23</sup> (VARGO, 2014, p. 106)

O massacre de Munique foi uma das ações terroristas do grupo Setembro Negro que mais chamou a atenção da mídia mundial, pelo fato de ocorrer nas Olimpíadas, onde também ocorreu à volta dos judeus para o território alemão após o Holocausto nazista. O grupo fez refém atletas israelenses com objetivo de libertar os presos árabes em Israel, porém, o sequestro terminou com a morte de todos os 11 membros da equipe. Por fim, o atentado de Munique trouxe uma maior simpatia da comunidade internacional em apoio ao Estado de Israel.

Ainda em 1972 houve negociações diplomáticas por parte dos árabes aos israelenses em relação aos territórios conquistados na Guerra dos Seis Dias, porém sem êxito. Após as vitórias que Israel desfrutou desde antes de sua criação, a sociedade israelense já considerava seu país invencível em relação às tentativas árabes de invasão e que nenhuma ameaça seria suficiente para por em risco sua existência. Tal subestimação à ameaça egípcia levou ao início da Guerra de Yom Kippur – Dia do Perdão. Sobre essas considerações:

Porque foi disso que se tratou o fiasco israelense de outubro de 1973: de uma falha crassa de inteligência, provocada pela "cegueira pregnant" que tinha se apoderado da mente do principal responsável da inteligência militar de Israel e de alguns de seus principais subordinados (ESPONA; PITA, 2015, p. 426).

O dia do perdão é um dia sagrado para os judeus que se reúnem nas sinagogas para se dedicar a orações e ao jejum. Para Sadat, atual líder egípcio, era o momento perfeito para atacar e assim ocorreu em 6 de Outubro de 1973. Além do mais, os egípcios, desde a derrota da Guerra dos Seis dias, adquiriram armas mais modernas vindas na União Soviética e também qualificou seu exército através de treinamentos por especialistas russos (LOWE, 2016).

Nos primeiros dias da Guerra, Israel teve milhares de baixas em seu exército, os recursos egípcios, principalmente alimentares, começaram a acabar, fazendo que com que recuassem e os israelenses obtivessem vantagem. Após os avanços de Israel na invasão de

---

<sup>23</sup> Em 8 de maio de 1972, por exemplo, uma célula BSO - Organização Setembro Negro - de quatro pessoas comandou um jato da Sabena Belgian Airlines a caminho de Viena para Tel Aviv. Segundo a British Broadcasting Corporation, dois homens e duas mulheres sequestraram a aeronave, forçando seus cem passageiros e tripulantes a permanecerem a bordo no aeroporto de Lod (Ben Gurion), em Tel Aviv, até que Israel libertasse uma centena de presos árabes que estavam detidos em suas prisões. jurou executar os reféns se suas demandas não fossem atendidas. Mas enquanto as autoridades locais tentavam negociar com os terroristas, um esquadrão militar israelense atacou o avião, matando dois sequestradores masculinos, capturando as duas mulheres e libertando os reféns. Implacável, a organização continuou seus ataques, mais notavelmente o Massacre de Munique em setembro de 1972, sua operação mais nefasta. Tradução Livre.

terras egípcias, os Estados Unidos e União Soviética, em conjunto com a ONU, organizaram um acordo de paz, no qual ambos os lados acordaram. A assinatura do Tratado de Paz ocorreu em Washington, no ano de 1979, tinha objetivo de impor que “o estado de guerra que existia entre Egito e Israel desde 1948 estava terminado, Israel prometia retirar suas tropas do Sinai, o Egito prometia não atacar Israel de novo e os navios israelenses poderiam usar o Canal de Suez” (LOWE, 2016, p. 262).

Com a Guerra de Yom Kippur, o Egito conseguiu mostrar para o cenário internacional que a invencibilidade de Israel, acreditada por seus cidadãos, poderia ser contestada. Através do Tratado de Paz, conseguiu as oportunidades necessárias para novas negociações em relação aos dos territórios Egípcios que estavam em posse do exército israelense.

Fica claro que desde sua criação, o Estado de Israel buscou na maioria das vezes através de seus aliados, recursos financeiros e tecnológicos para desenvolver seu sistema de defesa. A seguir, veremos como a agência de inteligência de Israel, o Mossad, foi instituído e sua importância como um dos elementos mais importantes para as forças de defesa israelense.

### 3.2 O estabelecimento do Mossad como elemento de defesa israelense

As linhas de força de Israel mostraram seu objetivo desde sua institucionalização, que foi abater o inimigo em todas as guerras e proteger os judeus e deter seus inimigos ao desafiar o Estado de Israel no futuro. Durante os conflitos e de sua instituição, houve no país uma aceitação nacional da necessidade de se defender. Proteger a sociedade judia e a nação composta por cidadãos que contribuam da melhor forma para a salvaguarda do Estado de Israel é uma crucial motivação para a agência de inteligência israelense, o Mossad.

O Mossad, oficialmente Ha Mossad le Teum, ou “O Instituto de Coordenação” foi instituído em 13 de dezembro de 1949 com objetivo de reunir informação para proteção do Estado. O Mossad integra outras agências com finalidade de assegurar a defesa de Israel, a nacional Shin Bet e a militar Aman, que possui a maior parte de investimento humano e financeiro do governo israelense (RAVIV, MELMAN, 2014). Israel tem se concentrado em melhorar tanto quanto possível suas forças de defesa que gradualmente aumentaram, porém não foi somente isto que garantiu sua sobrevivência e defesa durante décadas de conflito. Sobre as restrições estratégicas de Israel, Eilam (2018) disserta que:

*Yet the strategic status quo – as far as the balance of power – remained always overwhelmingly in favor of the Arabs, not only in the size of their population but in land and natural resources as well. The inability of the Arabs to exploit their huge*

*advantages was one of the main reasons why Israel survived. If the Arabs had managed to use only part of their potential strength, Israel would have been a passing episode. The creation of a vast, solid and deterring Arab coalition has always been Israel's nightmare (EILAM, 2018, p. 114,115)<sup>24</sup>*

Apesar do momento de orgulho e comoção do estabelecimento do Estado de Israel, os países árabes vizinhos não queriam que judeus se estabelecessem na região. Estrategistas militares de israelenses conseguiram antecipar a ofensiva árabe, expulsando os agressores, garantindo assim a sobrevivência da nova nação instituída. Por essa razão, o então primeiro ministro Ben-Gurion começou a construir um aparelho nacional de inteligência, monitorando as potenciais ameaças para que o Estado de Israel pudesse se defender dos perigos iminentes.

O Mossad foi projetado para elevar a capacidade de inteligência do Estado de Israel com intuito de reunir informações que pudessem auxiliar na proteção e prevenção de possíveis invasões de países árabes vizinhos. Portanto, a segurança nacional esteve sendo preocupação primordial desde a constituição de Israel. Sobre a missão e valores do Mossad, que estão expostos em seu site oficial, são destacados: compartilham a crença de que o serviço na organização é uma missão nacional; Realizar as missões identificando os valores da nação, do Estado e com os objetivos do Mossad; Aderir a valores de justiça, integridade, moralidade e simplicidade, confiabilidade e responsabilidade pessoal, disciplina e sigilo; Cultivar excelência, orientação para tarefas e dedicação; Encorajar a iniciativa, criatividade, desenvoltura e valor, e fornecer abertura a opiniões e críticas diversas; Os funcionários são a fonte de sua força, e a organização investe em cultivá-los, desenvolvendo suas capacidades e inculcando-lhes um sentimento de espírito de equipe; A liderança obriga seus membros a liderar e motivar, assumindo total responsabilidade de comando e fornecer apoio, delegar autoridade e servir como fonte de inspiração.<sup>25</sup>

Diante do ambiente de instabilidade existente no Oriente Médio desde a sua criação, fez necessário também o estabelecimento de objetivos estratégicos. Cardoso (2012) apresenta os seguintes:

---

<sup>24</sup> No entanto, o status quo estratégico - no que diz respeito ao equilíbrio de poder - permaneceu esmagadoramente a favor dos árabes, não apenas no tamanho de sua população, mas também na terra e nos recursos naturais. A incapacidade dos árabes de explorar suas enormes vantagens foi uma das principais razões pelas quais Israel sobreviveu. Se os árabes tivessem conseguido usar apenas parte de sua força potencial, Israel teria sido um episódio passageiro. A criação de uma coalizão árabe vasta, sólida e dissuasora sempre foi um pesadelo para Israel. Tradução Livre.

<sup>25</sup> Disponível em <<https://www.mossad.gov.il/eng/about/Pages/missionandvalues.aspx>> Acesso em 22 nov. 2018.

a) reunião de inteligência secreta fora das fronteiras de Israel; b) prevenir o desenvolvimento e aquisição de armas não convencionais, por parte de países hostis; c) prevenir e/ou minimizar as consequências de atos terroristas contra alvos israelitas, fora de Israel; d) desenvolver e manter relações diplomáticas especiais e outras relações secretas; e) trazer judeus para a pátria, de países onde oficiais aliados não estão autorizados a operar; f) produzir inteligência operacional, política e estratégica; g) planejar e conduzir operações especiais fora da fronteira de Israel (CARDOSO, 2012, p. 121).

Durante os anos seguintes, o Mossad fez uso da tecnologia adquirida através de seus aliados ocidentais para melhorar a vigilância dos seus adversários. Esses inimigos eram compostos de forças árabes vizinhas empenhadas em pôr fim ao Estado de Israel, tendo como principal argumento de que a ONU lhe concedera uma fração de território que não concordavam. Vargo (2014) destaca outros inimigos de Israel: os vários cientistas alemães nazistas que, após a Segunda Guerra Mundial, aceitaram em ajudar alguns Estados árabes a impulsionar seus programas de armas. Segundo o autor, o Mossad detectou a presença desses nazistas em 1956 no Egito, sob a liderança de Gamal Abdel Nasser.

Como o envolvimento dos cientistas alemães se tornou ainda mais preocupante nos anos seguintes. Isser Harel, o então diretor do Mossad, estabeleceu que os agentes da agência deveriam colocar um fim nas contribuições alemãs ao programa de armas que o Egito estava desenvolvendo.

Em 1960, o Mossad tomou conhecimento do paradeiro do nazista Adolf Eichmann, figura central do Terceiro Reich, responsável pelas mortes, tortura de milhares de judeus e foi o Mossad, que tomou para si o dever de entregar à justiça do Estado de Israel. Sobre a Operação Eichmann:

In what was dubbed Operation Eichmann, the Mossad set out to capture the Nazi war criminal Adolf Eichmann, the man who helped devise and implement the Final Solution. In the postwar era, Eichmann no longer was an intimidating official holding the fates of millions in his palm; he was a mundane fugitive living under an assumed name in South America. Because he was hiding in such a faraway land, the Mossad would have no choice but to violate international law to carry out its mission (VARGO, 2014, p. 13).<sup>26</sup>

Mesmo com a violação das fronteiras de outro país, a missão lançou a agência sob uma nova luz no cenário da segurança internacional, no qual o Mossad estava adotando um comportamento mais agressivo ao lidar com os adversários do povo judeu.

---

<sup>26</sup> No que foi apelidado de Operação Eichmann, o Mossad partiu para capturar o criminoso de guerra nazista Adolf Eichmann, o homem que ajudou a conceber e implementar a Solução Final. Na era pós-guerra, Eichmann não era mais um funcionário intimidador que detinha o destino de milhões em sua palma; ele era um fugitivo mundano vivendo sob um nome falso na América do Sul. Porque ele estava escondido em uma terra tão distante, o Mossad não teria escolha senão violar a lei internacional para cumprir sua missão. Tradução Livre

O massacre de Munique também desencadeou, além da comoção internacional, uma perseguição e execução aos membros do Setembro Negro pelo Mossad que durou cerca de vinte anos<sup>27</sup>, que deu início pelo de dois terroristas que estavam presos, foram libertados em troca do fim do sequestro que ocorreu em 1977 de um avião da companhia aérea Lufthansa.

O Mossad vigia seus inimigos nos cinco continentes do planeta, mas se destaca pela constante observância nos territórios árabes e ações preventivas contra o iminente poder atômico, principalmente o iraniano. Desde a sua instituição, a agência de inteligência de Israel vem garantindo sua credibilidade no cenário internacional. O dever da atividade de inteligência no processo decisório de um Estado soberano é de extrema importância em se tratando de um mundo contemporâneo no qual as novas tecnologias de informações aumentam em diversificação e quantidade de conhecimento nas políticas públicas. O Mossad é considerado uma das principais organizações secretas do mundo e normalmente está cercado de sigilos relacionados à espionagem e contraespionagem.

Com o passar dos anos ficou mais evidente que o Mossad tinha função de estar nos conflitos, porém nas sombras, em que não envolvesse tropas, aviões e muito menos colocar os cidadãos de Israel em risco. Mas acima de tudo, a espionagem da agência tem como papel crucial impedir guerras e ataques de seus vizinhos hostis.

Todos os históricos de conflitos e dos eventos tiveram por finalidade que Israel a garantisse sua proteção e soberania internacional. Isso nos leva a buscar entender a preocupação israelense em matéria do armamento nuclear de seus países vizinhos. Espelhando-se sob a trajetória histórica da nação judaico-israelense, conflitos e através do viés realista dos eventos protagonizados pelo Mossad, iremos analisar ações bem sucedidas da agência para garantir o desarmamento nuclear da região, a fim de que assegurar sua segurança.

---

<sup>27</sup> VARGO, 2014, p. 109.



## 4 OPERAÇÕES DO MOSSAD: INTELIGÊNCIA E O CERCEAMENTO NUCLEAR AOS PAÍSES ÁRABES

Após os vestígios do Holocausto, Israel demonstrou o desejo em adquirir armas nucleares. Nos primeiros anos após a independência de Israel em 1948, as guerras com os países vizinhos e a constante ameaça de destruição do país recém-criado aumentaram ainda mais tal desejo nuclear dos líderes israelenses. A agência de inteligência israelense desempenha um papel integral para conter a proliferação de armas nucleares de seus vizinhos árabes que ameaçam a sua segurança. Neste capítulo abordaremos as principais operações desencadeadas pelo Mossad para cercar os Estados árabes de adquirirem artefato nuclear, bem como para proteger o de Israel.

### 4.1 O Mossad contra o avanço nuclear no Oriente Médio

O *path dependence* corresponde à influência dos fatos passados nas escolhas futuras de um Estado. Através dessa metodologia, podemos explicar decisões do Estado de Israel relacionado às suas operações de inteligência, pois as estratégias adotadas pelos tomadores de decisão refletem na história de Israel. Segundo Mahoney (2000), uma conjuntura crítica é o momento decisivo que faz uma instituição analisar se continua no caminho estratégico já percorrido ou se encerra a trajetória. Com o passado histórico israelense, são destacados eventos críticos, que se destacam por operações significativas para escolhas estratégicas do Mossad e que também influenciam o presente e as escolhas futuras.

Frequentemente, o Oriente Médio se encontra à beira de conflitos. O Mossad, através de suas missões, se transformou em um símbolo israelita de defesa conhecido internacionalmente, principalmente no auxílio em sua política externa. O próprio Estado de Israel pode não ter tido a intenção de criar esta imagem, mas decerto tira algum proveito dela. Um dos maiores objetivos dos serviços inteligência é o de proteger seus métodos, fontes, agentes e operações, e no caso da Mossad, sejam elas lícitas ou ilícitas. As ações subversivas fazem parte do trabalho de um agente de inteligência infiltrado, no caso do Mossad, por exemplo, assassinar um inimigo palestino, sabotar planos inimigos, entre outras ações violentas.

Segundo Bowen; Dover; Goodman (2014), a proliferação nuclear é um processo dinâmico caracterizado por motivações políticas em evolução, intenções estratégicas e um cenário técnico em constante mudança, tipificado por técnicas frequentemente inovadoras e

elaborados esforços por parte dos proliferadores para ocultar a existência das armas nucleares. Com isso, a inteligência se tornou para Israel, primordial para entender e lidar o problema da proliferação nuclear na região, ao investigar o país alvo em si ou os locais e a logística dos materiais, equipamentos, componentes e conhecimento são adquiridos.

Logo após o nascimento do Estado judaico, o primeiro-ministro David Ben-Gurion voltou suas atenções para a tecnologia nuclear, cujo objetivo esperado era de incluir a criação de armas nucleares no país. A segurança nacional de longo prazo da nação, por certo, era primordial e possuir um arsenal nuclear à disposição, Israel estaria na posição ideal para se defender de seus adversários árabes que pudessem lançar um ataque contra ele.

Em 1956, Israel deu início a construção de seu pequeno dispositivo nuclear, que seria seu primeiro reator. Segundo Vargo (2014), em um acordo mutuamente benéfico, a França fornecia produtos militares a Israel, enquanto este retribuía com inteligência na Argélia, uma nação com a qual a França estava em guerra, enquanto tentava se libertar do domínio colonial. Analisaremos em breve, uma missão do Mossad para proteger e manter em sigilo tal reator.

Desde 1973 o governo dos Estados Unidos concedeu a Israel uma grande escala de ajuda e suporte do que qualquer outro Estado recebera se tornando hoje a maior potência militar do Oriente Médio. Segundo Mersheimee e Walt (2006) o governo israelense foi o maior recebedor por ano de assistência econômica e militar, e desde 1976, recebeu um total de mais de US\$ 140 bilhões. Com isso, podemos afirmar que o arsenal nuclear de Israel é um dos motivos primordiais para que alguns de seus vizinhos também buscassem possuir armas nucleares.

Dessa maneira, com a corrida nuclear mundial, também em decorrência da Guerra Fria, a atividade de inteligência se tornou ainda mais presente crescimento das operações envolvendo investimento em inteligência tecnológica. Os Estados Unidos, segundo Gonçalves (2008, p. 87) desenvolveram tecnologia para reconhecer atividades soviéticas que incluíam testes nucleares e desenvolvimento de novos mísseis e para isso, utilizavam aviões com interceptadores de sinais.

Militares e políticos israelenses passaram a considerar qualquer país islâmico localizado no Oriente Médio com armas nucleares uma ameaça à sua segurança. A partir disso, os Estados Unidos, potência hegemônica mundial, se envolve para limitar a proliferação de armas nucleares, contudo, ajudou nos estudos para construção de um reator nuclear de Israel, o estimulando os outros países da região a buscar um *know-how* similar.

A seguir, veremos operações que podem ser consideradas exitosas do Mossad que buscaram impedir a proliferação de armas nucleares e defender os interesses israelenses quanto a sua segurança.

#### 4.1.1 Operação Opera

Na década de 1950, o Iraque começou a estabelecer um relacionamento mais aproximado com a União Soviética. Com essa nova parceria, foi estabelecida condições, entre elas a preservação e aumento do acesso iraquiano à pesquisa e tecnologia nuclear. A União Soviética, de acordo com o pacto intitulado “Cooperação nos usos pacíficos da energia atômica”, compartilharia com o país do Oriente Médio avanços de acordo com os usos construtivos da energia nuclear, no qual a URSS também ficaria à frente do treinamento de cientistas e técnicos iraquianos nessas instruções. Na década seguinte, o armamento nuclear tomou outros rumos no Iraque, quando em 1968, a União Soviética forneceu ao Iraque seu primeiro reator nuclear e em 1970, o então vice-presidente iraquiano Saddam Hussein, que também era chefe da Comissão de Energia Atômica do Iraque, manifestou interesse em algum dia criar um arsenal nuclear.

Principalmente após o sucesso da Operação Eichmann, o Mossad evoluiu expandindo seu papel na proteção dos interesses israelenses. Muitas nações começaram a acelerar seus esforços em adquirir energia nuclear e por isso o governo israelense investiu nas suas forças de defesa a fim de evitar que seus inimigos do Oriente Médio estivessem entre aqueles que obtivessem capacidade de construir armas nucleares.

Em 1976 o Iraque, seu adversário, comprou um reator nuclear da França e começou a construir uma instalação nuclear perto de Bagdá, a princípio com finalidade de produzir eletricidade para o país. O Iraque tinha concordado que a operação do reator seria supervisionada pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

As autoridades israelenses determinaram a Operação Opera com base de que o Iraque usasse o reator para construir uma arma nuclear e usá-la contra Israel. A preocupação dos israelenses, segundo Vargo (2014), dependia das aplicações das substâncias, pois ou todas elas eram capazes de produzir energia para fins domésticos ou apenas o plutônio e o urânio enriquecido também podiam ser usados para fabricar armas nucleares.

Agentes do Mossad, disfarçados como uns grupos ambientalistas franceses explodiram um armazém perto de Marselha que estava armazenando componentes nucleares aguardando o embarque para o Iraque. De acordo com Kirschenbaum (2010) em 7 de junho

de 1981, por ordem do primeiro-ministro Menachem Begin, os jatos da força de defesa de Israel bombardearam a instalação nuclear de Osirak em Tuwaitha, nos arredores de Bagdá. Ainda sobre o ataque, Kirschenbaum (2010) disserta que:

*What is clear is that Israel chose to attack Osirak at a moment of perceived strategic advantage, not because Iraq was on the verge of possessing enough fissile material to construct an atomic weapon. Israeli decision-makers traded one set of risks—the immediate and unpredictable effects of a preemptive strike—to thwart or possibly eliminate a longer-term strategic shift, the rise of a nuclear-armed adversary<sup>28</sup>* (KIRSCHENBAUM, 2010, p. 50).

Após o ataque, houve implicações políticas, no qual a comunidade internacional condenou o bombardeio. De fato, a era Begin mostrou um Israel agressivo, sendo a Operação Opera apenas uma de uma série de atividades das suas forças de defesa. Portanto, com tal missão, Israel se mostrou mais forte quanto a manter sua segurança, porém seria só o início de uma motivação a mais para que seus vizinhos se empenhassem a obter bombas nucleares.

#### 4.1.2 Operação Plumbat e Operação Vanunu

Ao adquirir armas nucleares, Israel se tornaria o país com força militar mais poderosa da região. No entanto, a comunidade internacional se mostrou dedicada a impedir a introdução de armas nucleares não só em Israel, mas também no Oriente Médio. O Estado judeu não teve alternativa a não ser manter em segredo seu programa de armas nucleares, uma tarefa exigiria um sigilo, ou seja, exigindo os serviços do Mossad para garantir tal segredo.

Israel se fortalece, a princípio, de dois grandes motivos para montar seu programa de armas nucleares. O primeiro se destaca pelo fato de logo após o nascimento do Estado judaico, o primeiro-ministro David Ben-Gurion voltou suas atenções para a tecnologia nuclear - mesmo com as vitórias nos conflitos regionais, tendo um arsenal nuclear a sua disposição, Israel estaria em posição para se defender no caso de seus adversários árabes lançarem um ataque. Já o segundo motivo se sobressai pela preocupação de que a terra, para ser adequada para a agricultura, precisaria de um fornecimento contínuo de água, pois abrangia um grande

---

<sup>28</sup> O que está claro é que Israel optou por atacar Osirak em um momento de percepção de vantagem estratégica, não porque o Iraque estivesse à beira de possuir material fissil suficiente para construir uma arma atômica. Os tomadores de decisão israelenses trocaram um conjunto de riscos - os efeitos imediatos e imprevisíveis de um ataque preventivo - para impedir ou possivelmente eliminar uma mudança estratégica de longo prazo, a ascensão de um adversário com armas nucleares. Tradução Livre.

território no deserto. Um sistema de irrigação exigiria, no entanto, uma grande quantidade de energia para funcionar.

Após a Segunda Guerra Mundial, não seria fácil conseguir apoio para tal programa nuclear, visto que as nações, principalmente os Estados Unidos, tinham por objetivo de reduzir o medo internacional de energia atômica, promovendo seus usos pacíficos. Porém, o estado judeu tornou-se um dos primeiros países do mundo a assinar um acordo de Átomos pela Paz<sup>29</sup> com o governo americano em 12 de julho de 1955. No ano seguinte, começou a construção de um pequeno dispositivo que seria o primeiro reator de Israel, sendo o mesmo inspecionado periodicamente por equipes dos EUA e da Agência Internacional de Energia Atômica. Porém, Peres - Ministro da Defesa - convenceu Ben-Gurion a financiar um local subterrâneo onde abrigaria um reator maior para ser usado para a fabricação de armas nucleares (VARGO, 2014, p. 263).

Como o Estado judeu não possuía recursos de criar um arsenal nuclear por conta própria, e ainda se escondendo da fiscalização de seu aliado, os Estados Unidos, surge a França como chave central. Franceses e israelenses entraram em um acordo no qual a França fornecia produtos militares, enquanto Israel retribuía com inteligência a Argélia, nação com a qual a França estava em guerra, pois tentava se libertar do domínio colonial.

Uma vez que o país não possuía quantidades suficientes de material radioativo para fabricar armas agora exigia um suprimento contínuo de combustível, e isso levaria o estado judeu a cometer uma série de atos ilegais e é neste momento que surge a atuação do Mossad. Operação Plumbat envolveu a agência em missões para desvio de urânio realizado no continente europeu, no qual houve roubos de urânio na Europa. De acordo com Vargo (2014) houveram missões arriscada em alto mar, redirecionando urânio amarelo<sup>30</sup> da Bélgica para Israel, para uso no principal reator nuclear do país e que durante essas e outras operações secretas relacionadas à nuclearização de Israel, o Mossad infringiu as leis das nações europeias, mas conseguiu evitar ser pego em flagrante se utilizando de empresas fantasmas.

Mesmo depois de relatos de roubo de urânio de Israel chegar às notícias internacionais, houve convencimento de que a instalação de Dimona estava criando armas de destruição em massa. Um técnico israelense chamado Mordechai Vanunu decidiu revelar à imprensa, o arsenal nuclear não declarado do Estado judeu, mas o que Vanunu não sabia era que o Mossad responderia à sua tentativa de expor o programa secreto.

---

<sup>29</sup> Programa em que os EUA compartilhariam sua tecnologia nuclear com centros de pesquisa e instalações médicas em todo o mundo, ao mesmo tempo em que forneciam materiais educacionais para escolas e outras instituições (VARGO, 2014, p. 263)

<sup>30</sup> Um pó feito de óxido de urânio que constitui um estágio inicial no processo de enriquecimento de urânio.

*Mordechai Vanunu seemed to have done all he could to expose his secret life. He was a technician at the Dimona atomic reactor, the most secret and secure installation in Israel. The foreign press, as well as many governments, was convinced that Israel was building nuclear weapons in that top-secret facility [...] He was a left-wing radical, his friends were Arab members of the Communist, anti-Zionist Rakah Party; he participated in protests at their side, was photographed in extreme pro-Palestinian rallies, carried signs, made speeches, and gave interviews to the media<sup>31</sup> (Bar-Zohar; Mishal, 2012, p. 220)*

Mordechai Vanunu foi sequestrado na Inglaterra pelo Mossad, o levando a Israel para um julgamento secreto, com o objetivo de silenciá-lo por divulgar tal arsenal nuclear não declarado do Estado judeu.

Israel, até os dias atuais, não assinou o Tratado de não proliferação Nuclear e continua afirmando que não assinará até que seja alcançada uma solução pacífica para o conflito árabe-israelense. Israel é criticado por sua política nuclear, mas tal ambiguidade – no sentido de proteger o seu programa e não medir esforços ao impedir o avanço nuclear de seus inimigos árabes – é vantajosa para Israel no sentido de possuir estratégia de defesa contra futuras ameaças.

#### 4.1.3 Operação Orchard

Através da Operação Orchard, Israel reafirma sua política externa quanto aos seus esforços ao impedir que seus inimigos desenvolvam capacidade de se armar nuclearmente. A operação Orchard foi executada pela força aérea israelenses destruindo uma instalação nuclear na Síria. O país estava adquirindo um poder com potencial para fabricar armas nucleares o qual Israel não desejava. Bar-Zohar e Mishal esclarecem como a Síria começou tal empreitada:

*At Hafez Al-Assad's funeral in June 2000, his son and successor, Bashar Al-Assad, met with another North Korean delegation. The two parties secretly discussed the construction of a nuclear facility in Syria, to be overseen by the Syrian Scientific Research Agency. In July 2002, another secret meeting was held in Damascus, with the participation of senior officials from Syria, Iran, and North Korea, at which a tripartite agreement was reached. North Korea would construct a nuclear reactor in Syria, to be financed by Iran. The cost of the entire project, from the drawing board*

---

<sup>31</sup> “Mordechai Vanunu parecia ter feito tudo o que podia para expor sua vida secreta. Ele era técnico no reator atômico Dimona, a instalação mais secreta e segura de Israel. A imprensa estrangeira, assim como muitos governos, estava convencida de que Israel estava construindo armas nucleares naquela instalação ultrassecreta. Ele era um radical de esquerda, seus amigos eram membros árabes do partido comunista e anti-sionista Rakah; ele participou de protestos, foi fotografado em comícios pró-palestinos, realizou cartazes, fez discursos e deu entrevistas para a mídia.” Tradução Livre.

*to the production of weapons-grade plutonium, was estimated at \$2 billion*<sup>32</sup> (Bar-Zohar&Mishal, 2012, p. 256).

Entre 2006 e 2007 o serviço de inteligência de Israel teve acesso a “uma coleção de arquivos, fotografias, desenhos e documentos que expunham, pela primeira vez, o programa nuclear ultrassecreto da Síria” (BAR-ZOHAR&MISHAL, 2012, p. 255). Ainda segundo os autores, a revelação mais surpreendente nos relatórios se deve ao fato de que as instalações da Síria estavam sendo planejadas e supervisionadas por especialistas nucleares norte-coreanos e financiadas pelo Irã. Agentes do serviço de inteligência do Mossad invadiram o computador de um alto funcionário do governo sírio, no qual plantaram um cavalo de Tróia no computador do oficial enquanto ele estava hospedado em um hotel em Londres.

O governo sírio estava construindo, em total sigilo, um reator nuclear no deserto de Dir Al-Zur, perto do rio Eufrates, pois um reator necessita permanentemente de uma fonte de água para mantê-lo frio. Por isto, tomava extremas precauções para proteger o sigilo do programa nuclear, impondo total bloqueio das comunicação e a todos os funcionários que trabalhavam no local não podiam usar celulares.

Através de uma fonte iraniana, Israel descobriu os planos sírios. Para comprovar a informação, o Mossad conseguiu recrutar um dos cientistas empregados no próprio reator, reunindo provas a fim de convencer os americanos de que existia um reator de que deveria ser destruído. Israel não podia aceitar o armamento nuclear da Síria, um de seu inimigo mais agressivo.

Em 6 de setembro de 2007, aviões israelenses bombardearam o complexo. Após o ataque, estranhamente, a Síria não declarou guerra a Israel. Não houve comunicações entre os governos, ficando marcado por um silêncio de Tel Aviv, Washington e de Damasco. Em Abril de 2008, o governo americano anunciou que o ataque às instalações na Síria tinha sido um reator nuclear construído com o apoio norte-coreano.

---

<sup>32</sup> “No funeral de Hafez Al-Assad, em junho de 2000, seu filho e sucessor, Bashar Al-Assad, se encontrou com outra delegação norte-coreana. As duas partes discutiram secretamente a construção de uma instalação nuclear na Síria, a ser supervisionada pela Agência de Pesquisa Científica Síria. Em julho de 2002, outra reunião secreta foi realizada em Damasco, com a participação de altos funcionários da Síria, Irã e Coreia do Norte, nos quais um acordo tripartite foi alcançado. A Coreia do Norte construiria um reator nuclear na Síria, a ser financiado pelo Irã. O custo de todo o projeto, desde a prancheta até a produção de plutônio para armas, foi estimado em US\$ 2 bilhões.” Tradução livre.

Como consequência da operação Orchard, houve uma aparente cessação de cooperação em armas nucleares da Síria com o Irã. Segundo Follath (2009), a operação Orchard conseguiu frustrar os planos dos iranianos que planejavam construir uma usina nuclear reserva na Síria, uma fábrica de plutônio. Já os norte-coreanos estavam por encerrar toda a cooperação de armas químicas para a Síria.

A operação Orchard permitiu eliminar uma ameaça em desenvolvimento para a região do Oriente Médio e principalmente para Israel. Com o ataque e com a capacidade mostrada pelo Mossad de descobrir e provar movimentos políticos e militares hostis, Israel envia uma mensagem de poder aos seus inimigos árabes.

#### 4.1.4 Operação Nêutron

À frente dos holofotes mundiais, o Irã alegava que o reator de Bushehr, uma importante central nuclear construída com ajuda russa, estava sendo utilizada somente para fins civis. Mas, outras instalações nucleares clandestinas haviam sido descobertas pelos serviços de inteligência israelense e americano. Com o avanço iraniano, no qual conseguira autonomia na produção de pó óxido de urânio, o Mossad tinha por objetivo evitar que Teerã adquirisse um arsenal nuclear, o que poderia desestabilizar a região.

Os serviços secretos ocidentais também haviam exposto aos seus respectivos governos, cientistas das universidades iranianas, que haviam sido selecionados para trabalhar na construção da primeira bomba nuclear do Irã. Em 2007, o primeiro alvo fora recomendado pela inteligência israelense: o engenheiro elétrico Ardeshir Hosseinpour, diretor do programa nuclear do Irã. Segundo Fratini (2014), um agente do Mossad entrou em seu quarto no meio da noite e injetou um tranquilizante muscular e logo após, o fez respirar um gás venenoso radioativo, causando sua morte.

Em 2010, um novo alvo foi estabelecido, o especialista em física de partículas Massud Ali Mohamadi, conselheiro do programa nuclear iraniano. De acordo com Bar-zohar e Mishal (2012), ao tentar desbloquear seu carro, Mohammadi teve seu corpo despedaçado em uma enorme explosão, acionada por controle remoto, por uma carga escondida em uma motocicleta estacionada pelos agentes do Mossad atrás de seu carro.

Mesmo com as reações da comunidade internacional sobre a autoria do assassinato, Israel não mudou sua estratégia. Os próximos alvos seriam o especialista em física quântica Majid Shahriari, chefe científico do programa nuclear do Irã e Frereydoon Abbasi Davani, especialista em mísseis bélicos. Os ataques aconteceram simultaneamente



quando, segundo Fratini (2014), agentes do Mossad em motocicletas acoplaram dispositivos explosivos magnéticos na porta dos carros em que os cientistas de locomoviam.

Em meio a Operação Nêutron, a unidade de assuntos tecnológicos de Israel desenvolveu um vírus chamado de Stuxnet. O vírus tinha por objetivo atacar o sistema de computadores que controlavam o projeto nuclear iraniano. Segundo Bar-zohar e Mishal:

Stuxnet struck computers controlling the Natanz centrifuges and wreaked havoc. Its complexity left no doubt that it was the product of a large team of experts and considerable funds. One of the virus's distinctive features was that it could be targeted to a specific system, causing no harm to others en route. Its presence in a computer was also difficult to detect. Once in the Iranian system, it could modify the speed of rotation of a centrifuge, making its product useless, without anyone being aware of it. Observers spoke of two countries as having the ability to carry out such cyber-attack: the United States and Israel<sup>33</sup> (BAR-ZOHAR&MISHAL, 2012, p. 32).

O ambiente de desconfiança e insegurança regional deu início à Operação Nêutron, ganhando mais forças através de declarações que ameaçavam a segurança de Israel. Em 2008 o então presidente da República Islâmica do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, afirmou que Israel iria 'desaparecer do mapa'<sup>34</sup>, fazendo com que o governo israelense através do Mossad mantivesse total interesse em atrasar o Irã nuclearmente armado. Portanto, tal a operação teve como objetivo eliminar cientistas considerados peças chaves no desenvolvimento do programa atômico e atrasando o possível plano iraniano de se tornar uma potência regional protegida por tecnologia nuclear.

#### 4.2 Mossad: instrumento da política de defesa externa de Israel

O interesse por parte de Israel desde sua criação em se armar nuclearmente se fundamenta pelo ambiente de disputas e oposições em que está inserido, além de que os Estados que fazem fronteiras com Israel também produzem ou compram armas biológicas e químicas. Neste cenário, há de se percorrer o caminho da prudência, tanto na atuação

---

<sup>33</sup> O Stuxnet atingiu computadores controlando as centrífugas Natanz e causou estragos. Sua complexidade não deixou dúvidas de que foi o produto de uma grande equipe de especialistas e fundos consideráveis. Uma das características distintivas do vírus é que ele pode ser direcionado para um sistema específico, sem causar danos a outras pessoas durante o trajeto. Sua presença em um computador também era difícil de detectar. Uma vez no sistema iraniano, poderia modificar a velocidade de rotação de uma centrífuga, tornando seu produto inútil, sem que ninguém soubesse disso. Observadores disseram que dois países têm a capacidade de realizar esse ataque cibernético: os Estados Unidos e Israel. Tradução livre.

<sup>34</sup> Disponível em < <https://internacional.estadao.com.br/noticias/oriente-medio,presidente-do-ira-diz-que-israel-vai-desaparecer-do-mapa,182427>> Acesso em 24 nov. 2018

diplomática quanto na da agência de inteligência, já que aumentar o número países nucleares estará iminentemente ligado a mais perigos.

Assim, podendo ter em vista que o passado histórico condiciona o futuro, o institucionalismo de Israel defende a ideia de que sua política de defesa atua dentro de métodos que podem ser entendidos através de uma análise da perspectiva histórica. O *path dependence* é colocado justamente como a ferramenta analítica para entender a importância de continuidade temporal das operações do Mossad e seu respectivo desenvolvimento.

Com as operações aqui apresentadas, Israel põe provas concretas de que não permitirá que ameaças nucleares sejam obtidas ou construídas por um país que ameace sua existência. Segundo Cardoso (2012), há uma preocupação por parte de seus vizinhos árabes ligados a programa nuclear de Israel e quanto aos Estados Unidos por não estarem preocupados – em parte pela aliança desde a criação de Israel. Ainda segundo o autor, continuam-se as pressões para que Israel assine o Tratado de Não Proliferação Nuclear, buscando assim fortalecer as ligações diplomáticas com os países vizinhos, de modo que assegure a paz e evitando a proliferação de arsenal nuclear.

Ao longo do tempo, o Mossad realiza operações de extrema eficácia, sendo reconhecido internacionalmente, assumindo sucessos nos serviços de informação. Dentre as suas operações que se tem mais conhecimento, destacamos as do quadro a seguir:

**Quadro 3:** Operações do Mossad<sup>35</sup>

<i>Operação</i>	<i>Ano</i>	<i>Tipo de Missão</i>
Operação Eichmann	1960	Rapto do criminoso de guerra Nazista Adolf Eichmann
Operação Ira de Deus	1972-1973	Assassinato dos responsáveis pelos assassinatos dos atletas israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique
Operação Diamante	1973	Captura de um caça MIG-21 em território iraquiano
Operação Raio	1976	Resgate de reféns no Aeroporto de Entebbe, Uganda
Operação Príncipe Vermelho	1979	Assassinato do líder supremo do grupo Setembro
<b>Operação Plumbat e Operação Vanunu</b>	<b>1968 - 1986</b>	<b>Obtenção de urânio amarelo para Israel para uso em seu programa secreto de armas nucleares / Rapto do técnico nuclear da central de Dimona</b>
<b>Operação Opera</b>	<b>1981</b>	<b>Impedir o desenvolvimento nuclear do Iraque</b>
Operação 17	1988	Assassinato do comandante da OLP Jalil Ibrahim
Operação Zulu	1990 - 1994	Assassinato de engenheiros e traficantes de armas sul-africanos
Operação Tycoon	1991	Assassinato de Robert Maxweel, magnata da imprensa
Operação Cesárea	1995	Assassinato de Fathi Shaqaqi, principal líder da Jihad Islâmica
Operação Engenheiro	1996	Assassinato de Yehiya Ayyash, conhecido como "O Engenheiro", responsável por explosivos do Ramas
Operação Vingança	1997 - 2004	Assassinato do líder do Hamas, Ahmed Yassin, por um <b>missil</b>
<b>Operação Orchard</b>	<b>2007</b>	<b>Destruição de uma instalação nuclear na Síria</b>
Operação Fumaça	2008	Assassinato de Imad Favez, chefe militar do Hezbollah
Operação Raquete	2010	Assassinato de Mahmud Abdel, responsável pelo tráfico de armas entre o Hamas e o Irã
<b>Operação Nêutron</b>	<b>2006 - 2011</b>	<b>Assassinato de cientistas nucleares iranianos</b>

Fonte: Elaboração própria.

Podemos perceber no quadro que o Mossad dedica quase duas décadas a operações de cunho nuclear: proteção do programa nuclear israelense, transporte de Urânio pela Europa e o cerceamento atômico do Iraque e Sírio. As maiorias das operações do Mossad visaram assassinar líderes extremistas que atacaram ou ameaçavam a segurança de Israel, objetivo de análise que não se faz necessário neste trabalho.

No cenário atual, também se destaca o armamento nuclear iraniano, pois um Irã nuclear representa uma grave ameaça para Israel. Segundo Cardoso (2012), a atual missão do

<sup>35</sup> As operações para cerceamento e evitar os árabes de adquirir material ou armas nucleares estão em negrito.

Mossad é impedir o programa nuclear iraniano, porém este alega que o seu programa nuclear se destina a fins civis.

A agência surge como um ator eficiente e estratégico, possuindo campos de atuação não só no Oriente Médio, mas também em diversos lugares do mundo, desde que atendam aos interesses israelenses. Portanto, podemos considerar o Mossad como uma força de inteligência de extrema eficácia, reconhecida internacionalmente como um instrumento de poder israelense.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa monografia buscamos entender como o ambiente regional em que Israel está inserido gerava necessidades de segurança desse País. No primeiro capítulo, o marco teórico deste trabalho, colocamos em pauta o realismo, teoria que justifica razões aplicáveis à atividade de inteligência, no qual também destaca a preocupação com a segurança e a sobrevivência do Estado. Sendo a atividade de inteligência um recurso do Estado para atingir seus interesses e, portanto, um instrumento desses para ampliar sua influência, mostra-se a importância do papel da inteligência na esfera internacional e na condução da política externa de um país, bem como na influência das relações internacionais.

Por conseguinte, no segundo capítulo, explicamos as origens históricas da criação do Estado de Israel através do movimento sionista. Em virtude do ambiente de conflitos instalado na região, surge o Mossad, criado a fim de reduzir a insegurança e mostrando sua vital importância na execução de estratégias de proteção para o Estado.

Por fim, elencamos quatro operações executadas pelo Mossad: Operação Opera em 1981, a qual reuniu informações para que houvesse um ataque aéreo que destruiu o reator nuclear iraquiano; Operação Plumbat em 1968, a qual houve o transporte de urânio em sigilo para que autoridades não descobrissem o programa de armas nucleares de Israel. Em detrimento dessa operação, houve em 1986 o sequestro de Mordechai Vanunu, técnico da instalação de Dimona que revelou à imprensa inglesa informações sobre o programa nuclear de Israel; Operação Orchard, que reuniu informações sobre a construção de um reator nuclear na Síria sendo, por fim, realizado um ataque aéreo para a destruição da instalação em 2007; e por fim a Operação Nêutron, no qual o Mossad assassinou cientista nucleares a fim de atrasar o programa nuclear iraniano.

Com base na pergunta de pesquisa, buscamos entender como Israel faz uso da inteligência e de seu serviço secreto, o cerceamento nuclear dos países árabes, objeto de estudo desse trabalho, para conseguir atingir seus objetivos na política de defesa israelense. Através dessas análises, levanta-se a conclusão de que o Mossad proporciona o suporte necessário para manter a institucionalidade e a segurança de Israel, através da obtenção e análise de informações e operações sigilosas, principalmente às de cerceamento nuclear, ao auxiliar nos processos decisórios na política externa israelense.

Ao longo deste trabalho, foram proporcionadas informações necessárias ao conhecimento e esclarecimento relativo ao papel da inteligência israelense na política de defesa do Estado. A política externa israelense desde seu reconhecimento oficial como um

Estado se caracteriza pela prática das teorias políticas realistas, devido ao seu histórico de conflitos, derivando amplamente de interesses, particularmente no campo da segurança.

A atividade de inteligência de um Estado é de fundamental importância não apenas para a sua defesa, mas também para a formação de preferências políticas, tanto domésticas quanto externas. Desde a sua criação, o Mossad tem servido destemidamente e secretamente contra os perigos que ameaçam Israel. As missões em que a agência atuou delinearão o futuro de Israel. Os agentes do Mossad compartilham uma dedicação à existência e sobrevivência de seu país, assumindo os riscos e enfrentando os maiores perigos.

Certamente, é inegável que o Mossad desempenhou um papel provocativo em suas atuações que vieram a público, e ainda assim, a agência foi e continua sendo uma agência criativa, eficiente e audaciosa, e que ocupa uma posição inigualável no campo da inteligência internacional. O Mossad, conforme foi evoluindo, foi adquirindo características como irrestrito e proativo. Certamente é inegável que a agência desempenhou um papel intervencionista nos assuntos globais em várias ocasiões.

Percebemos que a paz, desde os conflitos antes da criação de Israel, não foi um objetivo procurado pelos líderes políticos de Israel devido ao ambiente de ameaça nuclear da região. Uma das vantagens mais importantes do histórico de conflitos israelense é a capacidade de justificar sua política de defesa. Ao lançar ataques preventivos para inibir os avanços de seus inimigos em direção a armas nucleares, Israel utiliza sua agência de inteligência para obter informações, muitas vezes violando a soberania dos seus vizinhos árabes. Dentre isto, a agência israelense busca a defesa dos interesses do Estado e da sociedade, contribuindo para o processo decisório da política externa estatal.

Através das ações do Mossad, o governo israelense buscou institucionalizar a atividade de inteligência como um instrumento da sua política de defesa. Devido às péssimas relações com seus vizinhos e pelas ameaças que cercam sua sobrevivência, o estado de alerta de Israel deve continuar. Portanto, o Mossad e as atividades secretas e de inteligência tendem a continuar para assegurar a defesa do país.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Roberto. **Pequena lição de Realpolitik**. Meridiano 47-Journal of Global Studies, v. 9, n. 95, p. 2-4, 2010.
- ARAÚJO, Raimundo Teixeira de. **História Secreta dos Serviços de Inteligência: origens, evolução e institucionalização**. São Luís: Ed. do autor, 2004.
- BAR-ZOHAR, Michael; MISHAL, Nissim. **Mossad: The Greatest Missions of the Israeli Secret Service**. Austrália: Vintage, 2012.
- BERTONHA, João Fábio. **Ideologia ou Realpolitik?** Fronteiras: Revista Catarinense de História, [S.l.], n. 26, p. 7-22, jun. 2018. ISSN 2238-9717. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/article/view/8052>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11ª Edição. Brasília: Editora UNB, 1998.
- BOWEN, Wyn Q.; DOVER, Robert; GOODMAN, Michael S. **Intelligence and Nuclear Proliferation: An Introduction to the Special Issue**. Intelligence and National Security, v. 29, n. 3, p. 315-322, 2014.
- CARDOSO, Gioconda Nádia Carvalho Dias Pires. **Estratégia nacional de segurança e defesa: Israel de 1974 à actualidade**. 2012. Tese de Doutorado. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.
- CARDOSO, Marco Aurélio. **Razão de Estado: Poder e Liberdade**. Univerdade Federal Fluminense: Niterói, 2010.
- CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.
- CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (Ed.). **The World Factbook 2007**. Government Printing Office, 2007.
- CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **A Consumer's Guide to Intelligence**. OPAI 93-00092, September 1993.
- DEVIN, Guillaume. **Sociologia das Relações Internacionais**. Salvador: Edufba, 2009.
- DOVER, Robert; DYLAN, Huw; GOODMAN, Michael S. (Ed.). **The Palgrave Handbook of Security, Risk and Intelligence**. London: Palgrave Macmillan, 2017.
- DOWTY, Alan. **Israel foreign policy and the Jewish question**. Middle East Review of International Affairs, 3:1 (publicación periódica electrónica), 1998;
- EILAM, Ehud. **Israel, the Arabs and Iran: International Relations and Status Quo, 2011-2016**. Oxon and New York: Routledge, 2018.
- ESPONA, Maria Jose; PITA, Manuel Giavedoni. **A “Cegueira Pregnante” na Inteligência: Um Caso Histórico**. Rio de Janeiro: Coleção Meira Mattos-Revista das Ciências Militares, v. 9, n. 35, p. 421-432/433-444/445-456, 2015.

FRATTINI, Eric. **Mossad os carrascos do Kidon**: a história do temível grupo de operações espaciais de Israel. São Paulo: Seomam, 2014.

FOLLATH, Erich; STARK, Holger. **How Israel Destroyed Syria's Al Kibar Nuclear Reactor**. *Spiegel Online*, v. 11, p. 22-26, 2009.

GEORGE, Roger. **Intelligence and Strategy**. *Strategy in the Contemporary World*, p. 161-181, 2010.

GOMES, Aura Rejane. **A Questão da Palestina e a Fundação de Israel**. São Paulo: USP, 2001.

GONÇALVES, Joanisval Brito. **SED QUIS CUSTODIET IPSO CUSTODES? O controle da atividade de inteligência em regimes democráticos: os casos de Brasil e Canadá**. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Relações Internacionais)–Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/99431/Tese%20-%20Vers%C3%A3o%20Final%20Completa.pdf?sequence=1>> Acesso em 08 set. 2018.

GRINBERG, Keila. **O mundo árabe e as guerras árabe-israelenses**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3, p. 97-131, 2000.

HOWARD, Roger. **Mossad: The Great Operations**, By Michael Bar-Zohar and Mishal. Disponível em <<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/mossad-the-great-operations-by-michael-bar-zohar-nissim-mishal-8368345.html>> Acesso em: 26 mar. 2018.

JOHNSON, Loch (ed). **Handbook of Intelligence Studies**. London And New York: Routledge, 2006.

KHALIDI, Walid. **Plan dalet**: master plan for the conquest of palestine. *Journal of Palestine Studies*, v. 18, n.1, p. 04-33, 1988.

KIRSCHENBAUM, Joshua. **Operation Opera**: an Ambiguous Success. *Journal of Strategic Security*, v. 3, n. 4, p. 8, 2010.

LEITE, Abel José Santos. **50 Anos depois, a Guerra do Suez no contexto das Guerras Israelo-Árabes**. Instituto da Defesa Nacional, 2007.

LOWE, Norman. **História do mundo contemporâneo**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

LOWENTHAL, Mark. **Intelligence**: From Secrets to Policy. Washington, D.C.: CQ Press, 2003.

LUCENA SILVA, Antonio Henrique. **Crime e Preconceito**: as lições do Caso Dreyfus 122 anos depois.. Disponível em: <<https://voxmagister.com.br/2016/05/23/crime-e-preconceito-as-licoes-do-caso-dreyfus-122-anos-depois/>> Acesso em: 12 out. 2018.



MACHIAVELLI, Niccolò. **Discorsi sopra la prima Deca di Tito Livio**. In: MACHIAVELLI, Niccolò. *Tutte le opere storiche, politiche e litterarie*. Roma: Grandi Tascabili Economici Newton, 1998.

MAHONEY, James. **Path dependence in historical sociology**. *Netherlands: Theory and society*, v. 29, n. 4, p. 507-548, 2000.

MEARSHEIMER, John; WALT, Stephen. **O lobby de Israel**. São Paulo: Novos Estudos-CEBRAP, n. 76, p. 43-73, 2006.

MORASHA. **Declaração Balfour**. Disponível em <<http://www.morasha.com.br/historia-de-israel/declaracao-balfour-o-centenario-de-um-marco.html>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

MOSSAD. **Mission and Values**. Disponível em: <<https://www.mossad.gov.il/eng/about/Pages/missionandvalues.aspx>> Acesso em 22 nov. 2018.

PINTO, Tales. **Guerra do Yom Kippur e a Crise do Petróleo**. Disponível em <<https://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/guerra-do-yom-kippur-e-a-crise-do-petroleo.html>> Acesso em: 26 ago. 2018.

RAVIV, Dan; MELMAN Yossi. **Spies Against Armageddon--Inside Israel's Secret Wars**. New York: Levant Books, 2014.

ONU. **Conheça a ONU**. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/conheca>> Acesso em: 26 ago. 2018.

VARGO, Marc E. **The Mossad: Six Landmark Missions of the Israeli Intelligence Agency, 1960-1990**. North Carolina: McFarland, 2014.

VEJA. **Aos 70, Israel sobrevive a guerras e vai de deserto a novo vale do Silício**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/aos-70-israel-sobrevive-a-guerras-e-vai-de-deserto-a-novo-vale-do-silicio>> Acesso em 14 out. 2018

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. **Inteligência e Interesses Nacionais**. In: III Encontro de estudos: desafios para a atividade de inteligência no século XXI. Brasília, 2004.

ZUCCHI, Luciano Kneip. **Implantação do estado de Israel e a gênese dos conflitos israelo/árabes**. Londrina, Universidade Estadual de Londrina (UEL): *Antíteses*, v. 7, n. 14, p. 543-544, 2014.

WALTZ, Kenneth Neal. **Theory of international politics**. New York: Mc Graham Hill, 1979.

WILLIAMS, Paul D. **Security studies: an introduction**. London and New York: Routledge, 2008.